

A VOZ DE

MELGAÇO



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLIII — 887
1 DE FEVEREIRO DE 1989

QUINZENÁRIO
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 40\$00
Tiragem da última edição
2.600 exemplares



PORTE PAGO

O POVO MAIS AFÁVEL DA EUROPA

Em Abril de 1988 efectuou-se, em Lisboa, o Colóquio do Conselho da Europa, no qual tomou parte, entre outros, Leopold Senghor, antigo Presidente do Senegal e «imortal» da Academia Francesa. O mesmo Senghor esteve, na cidade de Coimbra, no Congresso de Humanidades Greco-Latinas. Este intelectual, notável escritor e político, proferiu, a respeito de Portugal e dos Portugueses, estas belas palavras:

- os portugueses são «o povo mais afável da Europa»;

- Portugal é «um dos países mais fieis à civilização latina e às humanidades clássicas»;

- os portugueses, no estrangeiro, em França, são trabalhadores sérios e inteligentes»;

- um dos maiores contributos que os portugueses deram ao mundo foi «a simbiose entre a inteligência e a sensibilidade que fizeram deles um dos povos mais tipicamente latinos».

Isto tudo disse Senghor, o intelectual, o «imortal»!

O 25/A de 1974, em sua fúria devastadora, tentou destruir tudo o

que há de grande na alma portuguesa. E não o conseguiu, porque o Povo, com destaque para o Povo heróico de Rio Maior, o não consentiu.

A ofensiva destruidora abarcava os comandos da Nação, a posse do ensino com o denegrir da História, e a dinamização cultural marxista do Povo! Depois do descalabro e da contentação «revolucionária» do marxismo, veio a contemporização, com os «malfeitores» da Pátria: a descendência dos socialistas e presença destruidora marxista infiltrada nos departamentos oficiais e no Alentejo.

A Constituição consagrou a «esquerda» e as urnas, sufragando a Aliança Democrática, chefiada por Sá Carneiro, e, em 1987, o Partido Social Democrata na pessoa de Cavaco Silva, não conseguiram a recuperação indispensável por limitações constitucionais e demagogia da Oposição. Apesar deste estado de coisas, Senghor rechece, e como ainda vivas, as maravilhosas qualidades do povo português. De facto elas existem,

não obstante o mau trato que sofreram após o 25 de Abril com a onda revolucionária e os «loucos» que serviram o marxismo. Curioso notar que, há muitos anos, Marcello Caetano na abertura da primeira Feira, julgo que industrial, em Lisboa, ao falar de nível de vida económico disse que era baixo, mas que o nível moral, afectivo e generoso dos portugueses era mais elevado do que em qualquer outro país. Os factos comprovam-no ainda hoje, e Senghor lembrou-o em momento solene.

Estamos a organizar as celebrações dos Descobrimentos, estamos de boas relações com o Brasil e os países africanos de expressão portuguesa.

Para o estudo dos Descobrimentos é indispensável ler a alma e o coração dos portugueses. Se essa leitura for bem feita, sem facciosismo, sem ideologias, e sem espírito «revolucionário», concluiremos com Senghor: os portugueses são «o povo mais afável da Europa».

JÚLIO VAZ

6º Centenário da Tomada do Castelo aos Castelhanos

Causou enorme alegria em todos os melgacenses a notícia de que se vai festejar em 3 e 4 de Março o VI Centenário da Tomada do Castelo aos Castelhanos.

O programa é nobre e grandioso como convém ao acontecimento.

Importa, no entanto, que todos nós estejamos presentes, de alma e coração, de maneira a vivermos o feito de tal sorte que os antepassados se sintam orgulhosos.

D. João I e sua Mulher, D. Filipa de Lencastre, que participaram na Tomada do Castelo, dão-nos uma lição exemplar: a da nossa presença no mesmo local para os festejos solenes comemorativos.

Que haja da parte dos de hoje reflexão e gratidão aos que há seis séculos fizeram do castelo um padrão de grandeza e de orgulho nacional.

Podemos já informar que do programa constarão os seguintes actos nos dias 3 e 4 de Março:

— Içar da Bandeira no Castelo;

— Sessão Académica no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em que serão oradores professores da Universidade do Porto e um oficial da Academia Militar;

— Festejo Popular à tarde, na Vila; e

— Solenidade religiosa no Mosteiro de Fiães, no dia 4, sábado, à qual preside Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Armindo, Bispo da nossa diocese de Viana do Castelo.

Que todos os melgacenses estejam presentes e que os melgacenses dispersos no País ou no estrangeiro marquem a sua presença em mensagens para a Câmara Municipal.

Como se trata de um acto cultural, espera-se que os estabelecimentos de ensino existentes na área do Concelho estejam presentes.

A ausência seria escandalosa e patrioticamente criminosa.

UM SERVIÇO À CULTURA LOCAL UMA OCASIÃO DE REFUNDAR O AMOR À NOSSA LINDA TERRA

Publicamos nas páginas centrais um caderno especial com dois textos que muito poderão ajudar a que todos nos preparemos congnamente para as comemorações solenes do VI centenário da tomada do Castelo de Melgão a realizar em 3 e 4 de Março próximo.

Um texto é extraído da Crónica de D. João I, 2ª parte, da autoria do imortal cronista Fernão Lopes. Apresenta-se na ortografia actual para facilitar a leitura. O outro texto é do Conde de Sabugosa, autor de «Neves de Antanho», 4ª edição. Embora dedicado à heroína melgacense Inês Negra, acaba por constituir uma narrativa literária de forte fundamentação histórica e ajuda a compreender melhor o texto de Fernão Lopes. Como facilmente comprovarão, tem um erro tipográfico mais assinalável, pois aparece Bouças e trata-se, naturalmente, da freguesia de Rouças.

BOM SERIA QUE A ESCOLA PREPARATÓRIA E SECUNDÁRIA DE MELGAÇO PROLONGASSE O ESTUDO DESTES DOIS TEXTOS NAS AULAS

Os alunos ficariam a saber do que se trata, incrementariam o amor à terra natal e à Pátria, alargariam os seus

CONTINUA NA 12ª PÁG.

HONRA AO MÉRITO



Manuel Fernandes de Sousa é natural de Rouças e exerceu a sua actividade na Polícia Judiciária, da qual foi sub-inspector, havendo-se aposentado no ano passado.

A sua acção naquela Instituição — a Polícia Judiciária — está bem clara e patente na Ordem de Serviço, que a seguir transcreevamos, e na qual se propõe que lhe seja atribuído o «crachat» de ouro, que lhe foi entregue pelo Ministro da Justiça, Dr. Fernando Nogueira, no dia 28 de Outubro, do ano

O nosso conterrâneo Manuel Fernandes de Sousa, condecorado pelo Ministro da Justiça com o «Crachat» de ouro.

findo, na Escola da Polícia Judiciária.

Estiveram presentes: o Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, o Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, Procurador Geral da República e todos os dirigentes da Polícia Judiciária e altas autoridades civis e militares.

O acto foi precedido da leitura da Ordem de Serviço da Directoria Geral da Polícia Judiciária, nº 111/88, que é do seguinte teor:

Manuel Fernandes de Sousa

O Subinspector Manuel Fernandes de Sousa, aposentado a partir do dia 9 de Março do ano em curso, exerceu funções no quadro de pessoal de investigação da

Polícia Judiciária desde 1 de Julho de 1955, data em que foi empossado agente auxiliar.

Em 19 de Setembro de 1957, tomou posse do cargo de agente de 2ª classe e em 4 de Agosto de 1966 de agente de 1ª classe, se bem que já desde 1 de Fevereiro desse ano viesse ocupando o lugar em regime de interinidade. Em 20 de Julho de 1971 concluiu as provas do concurso para chefe de brigada, classificando-se em 2º lugar com 15 valores.

Foi empossado chefe de brigada em 4 de Abril de 1972. Por despacho de Sua Excelência o Alto Comissário da Alta Autoridade Contra a Corrupção de 28 de Setembro de 1984, publicado no DR II Série nº 240 de 16.10.84 foi

CONTINUA NA 12ª PÁG.

DA VILA E CONCELHO

João Gonçalves

A fim de tratar de diversos assuntos, esteve entre nós numa curta visita o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr João Gonçalves e sua esposa Sr^a D. Mercedes Reis Gonçalves, residentes em França.

Os nossos cumprimentos.

Nascimento

Na Maternidade de Vila Formosa, no Estado de São Paulo - Brasil, deu à luz um menino a quem foi posto o nome de Diego, a nossa conterrânea Sr^a Dr^a D. Clarisse da Fonseca Douteiro Carriou, esposa do Sr. Francisco Carriou, proprietário da Fábrica de Alumínio «AURI BRANCO» da aquela localidade.

Ao recém nascido desejamos muitas felicidades e a seus pais, os nossos parabéns.

Crianças da Escola Infantil cantaram «As Janeiras»

Acompanhadas das suas educadoras, todas as crianças da Escola Infantil da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, com a documentação dos «REIS MAGOS», percorreram as casas comerciais desta localidade, cantando as Janeiras.

Foi uma atracção na nossa vila, pois que são crianças com a idade dos 3 aos 5 anos.

Felicitemos as dignas Educadoras pela sua iniciativa

Ladrões em acção

Há dias, aproveitando a hora do almoço, ladrão entrou por meio dum pequena janela na Garagem «AUTO-VISO» no lugar do Viso, subúrbios desta vila, pertencente ao Sr Manuel Miranda da Costa, tendo roubado a quantia de quinze mil escudos e ainda, ao que se supõe, alguns acessórios de automóvel.

Escusado será dizer, que não havia mais dinheiro, senão iria todo.

Já são muitos os roubos, que se têm praticado, quer na vila, quer noutras localidades.

As autoridades terão que proceder a um policiamento mais eficiente, porque senão, estamos sempre nisto.

Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício o menino Jorge Daniel Pereira da Hora, filho do nosso estimado assinante Sr Dr. Avêntino Jorge Dias da Hora, distinto médico desta vila, e da Sr^a D. Maria Alberta Pereira da Hora.

Em casa dos pais do aniversariante, foi oferecido um almoço a inúmeros convidados e familiares.

Os nossos parabéns

Os Bombeiros cantaram «Os Reis»

Durante alguns dias do mês de Janeiro, como já é tradicional, nesta vila e diversas freguesias do concelho, «Os Bombeiros» da nossa terra, cantaram «Os Reis» para todos os Melgacenses.

Este grupo que é constituído por homens e raparigas que fazem parte do Corpo Activo, da Fanfara, bem assim como do Grupo Coral da Corporação, foi recebido condignamente pela população Melgacense.

A letra foi da autoria do nosso amigo e conterrâneo Sr Francisco Augusto Igrejas (GÚ).

Parabéns, briosos Bombeiros, que honrais a vossa terra.

Comissão Organizadora da Semana Santa

A nível dos anos anteriores, foi nomeada a Comissão Organizadora das Solenidades da Semana Santa, que leva a efeito todas as cerimónias na Igreja da Misericórdia desta vila, nos próximos dias 23 e 24 de Março.

Esta Comissão é constituída pelos senhores:

Mário Secundino Cerdeira; Alfredo Lourenço do Paço; José Felix Igrejas (Filho); João Augusto Gonçalves; Gaspar Caldas; João de Matos Alves e Manuel José de Melo.

A Comissão espera o bem acolhimento do público, como nos anos anteriores.

Conterrâneos que nos visitam

De visita às suas famílias e à terra que lhes serviu de berço, estiveram entre nós os nossos conterrâneos: Hilário da Rocha e esposa D. Maria Isaura Alves Campos da Rocha, residentes em França; Adriano Alves e esposa D. Mercedes de La Fuente, residentes em França; Ladislau Alves, esposa D. Fernanda de Fátima Gomes Alves e filha Maria Madalena Alves, aluna do 4^o ano da Faculdade de Medicina de Bobigny, residente em França; Aurélio Gonçalves e esposa, residentes em França; Albino de Sousa Lima e esposa D. Alexandrina Lima, residentes em Cascais; Norberto Trancoso e esposa D. Aldina Figueiredo Trancoso, radicados em Elizabeth - New Jersey (U. S. A.)

A todos os nossos cumprimentos.

FUTEBOL

Melgacense 1 - Castelense 2
No Campo Municipal de Melgaço, disputou-se o jogo referente à 13^a jornada do Campeonato Distrital da Associação de Futebol de Viana do Castelo (1^a Divisão), entre as turmas do Sport Clube Melgacense e o Grupo Desportivo Castelense, de Castelo do Neiva, que estes venceram merciedamente por duas bolas a uma.
Árbitro, Diamantino Fernan-

des, auxiliado por Altino Lopes (Bancada) e Manuel Pires (Peão) e as equipas alinharam com a seguinte constituição: **Melgacense** - Sérgio, Penteado (Garrincha) (Jorge), Gonçalves, Passos e Quim; Raúl, Zé Augusto e Taboas (cap.); Bimbás, Mona e Zé Manel.

Castelense: Américo; Branquinho (cap.); Valdemar, Paulo e Sarmento (Viana); Carlos, Rui e Licas; Nelo, João e Flávio.

Ao intervalo o Melgacense venceu por 1 - 0.

Marcadores: Zé Manel aos 10 minutos, João aos 55 e Nelo aos 72.

Acção Disciplinar: Cartão Amarelo a Nelo e Mona.

Jogo sem História, já que o Castelense dominou por completo a partida.

O resultado é, portanto, justo para os visitantes.
O melgacense pelo futebol praticado, merece bem o lugar que ocupa na classificação geral.

Arbitragem parcial e pessimamente auxiliada pelo fiscal de linha Manuel Pires, pois que, por sua interferência, foi anulado um golo à equipa visitante, quando iam decorridos 45 minutos de jogo.

Alfredo Lourenço do Paço

NECROLOGIA

D. MADALENA ESTEVES

Na sua residência em Barrocelas - Viana do Castelo, faleceu a Sr^a Professora D. Madalena Esteves, de 51 anos de idade, pessoa de respeitabilidade e muito acarinhada.

Era casada com o nosso amigo e conterrâneo Sr. Rodolfo Esteves, funcionário do Banco Nacional Ultramarino naquela localidade, mãe da estudante Isabel Esteves, cunhada do Sr. António Esteves, funcionário do Banco Pinto & Sotto Mayor, em Caminha e da Sr^a D. Ana Cândida Esteves, funcionária do Centro Regional de Segurança Social, de Viana do Castelo.

A extinta, era nora dos nossos conterrâneos Sr. António Esteves, Aspirante de Finanças (já falecido) e da senhora D. Emília de Melo Esteves.

No seu funeral incorporaram-se algumas centenas de pessoas de diversas localidades, parte das quais eram de Melgaço.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo Lourenço do Paço

ALAMEDA "INÊS NEGRA"

Conforme tinha sido anunciada no último Boletim Informativo, e no cumprimento do Plano de Actividades para 1988, continuam as obras de transformação e melhoramento da Alameda Inês Negra. Esta agradável zona, envolvente da cintura de muralhas, será enriquecida sempre dentro de um plano arquitectónico que não desvirtue o seu significado histórico e que, ao mesmo tempo crie um local onde todos possam desfrutar de mo-

mentos sossegados, separados do barulho de trânsito, num ambiente repousante, com óptimas vistas para o vale do Minho.

Podemos acrescentar que o projecto tem o aval do I.P.P.C. que, tal como nós, tem empenho na valorização do local.

Neste momento está terminada a estrada nascente da Alameda; nota-se, em grande extensão, o alteamento de muros e sua correção, está feita toda a estrutura de águas de rega e pluviais bem como dos cabos eléctricos que alimentarão todos os postos de luz.

Ao mesmo tempo, estão prontos os suportes do escadário e patamares que darão acesso à base das muralhas.

Ainda este mês será entregue toda a pedra trabalhada e que se destina a guias, floreiras, colunas, etc.

Esperamos que a primeira fase desta obra esteja concluída no Verão de 89, de molde a que todos a possamos usufruir, podendo Melgaço orgulhar-se de possuir, uma parcela de terreno já difícil de encontrar onde quer que seja, uma atracção para quem nos visita.

AGRADECIMENTO

A família de D. Carlota Fernandes vem por este único meio agradecer às pessoas que assistiram ao funeral e actos de culto, ou que de qualquer outro modo lhes manifestaram o seu pesar.

A família

DE FIÃES

CASAMENTO ELEGANTE

No Secular Convento de Fiães, deste concelho, realizou-se com toda a sumptuosidade o enlace matrimonial da nossa conterrânea Leonora da Glória Rodrigues, do lugar da Adedela, filha do Sr. António Rodrigues e da Sr^a D. Maria Campenha Rodrigues, com João Lourenço, industrial, natural de Tangil, concelho de Monção.

No fim do acto o cortejo nupcial, que se elevava a cerca de duzentas pessoas, dirigiu-se para o conceituado Restaurante "LAGOA VERDE" de Monção, onde foi servido um primoroso almoço.

Ao gentil casal, que partiu em viagem de núpcias para o Algarve, desejamos muitas felicidades, e uma perene lua de mel.

VISITANTES

Foram muitos os nossos conterrâneos, que estiveram entre nós de visita às suas famílias, vindos de França, Suíça e outros países, e parte deles passaram a quadra natalícia.

Para todos um abraço e os nossos cumprimentos.

A. L. P.

FAZEM ANOS NO MÊS DE FEVEREIRO

No dia 1, as Sr^s D. Laura Amélia Peres Castro, D. Maria Fernanda da Silva Nabeiro; os Srs. Manuel Lourenço e Luís Lopes; no dia 2, as Sr^s D. Maria Ernestina Fernandes de Sousa, D. Edite Fernandes, os Srs. José Henrique Fernandes e José Artur de Castro; no dia 3, a Sr^a D. Palmira Fernandes Alves e o Sr. Armando Lourenço de Lima; no dia 4, as Sr^s D. Ana Maria Vaz Morais, D. Maria Margarida Ferreira da Silva Pardal, D. Maria do Céu Melo Igrejas; no dia 5, a Sr^a D. Rosa Cândida Afonso de Sousa; no dia 6, os Srs. José Rodrigues Nabeiro e Alberto Fernandes Martins; no dia 7, a Sr^a D. Maria Teresa Alves; no dia 9, a Sr^a D. Paula Antonieta de Araújo Pereira; no dia 10, as Sr^s D. Maria Alice da Cunha e D. Narcisca Cândida Gonçalves, e os Srs. Adelino Fernandes e Manuel Jaime Fernandes; no dia 11, os Srs. Manuel Domingues Lourenço e António da Silva Vilas; 13, as Sras. D. Maria de Lourdes Cardoso e D. Maria da Glória Besteiro Martins, os Srs. José Félix Igrejas Júnior, Abel Mêncio Nabeiro da Rocha e Norberto Rodrigues; no dia 14, a Sr^a D. Rosa de Carvalho Ribeiro e o Sr. Horácio dos Santos Lima; no dia 15, a Sra. D. Maria Leonor Rodrigues Teixeira e o Sr. Óscar Marinho Júnior; no dia 16, a Sr^a D. Maria Teresa de Castro Gonçalves Ribeiro e os Srs. José Maria Pereira e Arlindo Augusto Vilas; no dia 17, os Srs. Artur Napoleão Teixeira Pinto e António José Afonso; no dia 18, a Sr^a D. Maria Fernanda dos Santos Faro e o Sr. António Rodrigues Rego; no dia 19, as Sr^s D. Maria Filomena Sampaio Esteves e D. Maria Isabel Ribeiro Antunes; no dia 20, as Sr^s D. Olinda Dantas da Costa Afonso, D. Alexandrina da Glória Brás, e D. Carmelinda Maria Lopes Rodrigues; no dia 22, a Sr^a D. Júlia Cândida Esteves e o Sr. José Luís de Sousa; no dia 23, a Sr^a D. Maria das Dores Frias Soares de Sousa; no dia 24, a Sr^a D. Rosinda de Sousa Lima e o Sr. Alcindo José Alves; no dia 25, o Sr. José Augusto Ferreira de Carvalho Esteves; no dia 26, as Sr^s D. Angelina da Conceição Alves, D. Maria Manuela de Almeida Salgado, D. Maria de Fátima Gonçalves Teixeira e D. Zulmira Fernandes Nabeiro Cardoso e o Sr. João Manuel Lourenço; no dia 28, o Sr. Manuel Carlos Afonso.

«A VOZ DE MELGAÇO» PROPRIETÁRIOS ANTÓNIO LUIS VAZ E JÚLIO HILARIÃO VAZ

Director: JÚLIO HILARIÃO VAZ
Subdirector: CARLOS NUNO SALGADO VAZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Largo da Senhora-a-Branca, 105 - 4700 BRAGA - Tel. 25284
Composto e Impresso em Offset
Empresacoop - R. Bernardo Sequeira, 591 - Tel: 79 850
Braga

Assinaturas (Anual): 900\$00

Aos assinantes que recebem o jornal com uma 3^a dobra ou cinta mais 400\$00 por ano.

CHAVIÃES

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Por mero acaso veio-me às mãos um exemplar do Boletim Informativo nº 6 da Câmara Municipal de Melgaço, de Janeiro, do corrente ano. É claro, li-o de fio a pavio, como é meu costume, quando se trata de assunto que interessa a toda a gente que gosta de saber coisas. — E diga-se com toda a clareza da verdade: A Câmara Municipal Socialista, sob a Presidência do seu dinâmico Presidente Sr. António Rui Esteves Solheiro, têm sido incansável, quer no progresso e asseio da vila, quer no progresso das 18 freguesias do concelho. — No entanto uma coisa é certa: Quanto à freguesia de Chaviães, à parte a abertura da estrada que sai do cemitério e vai servir o lugar do Casal e da Bouça, o arranjo dos caminhos, que não são muitos nem de grandes extensões, constantes do referido boletim, não é obra totalmente da C.M. como dá a perceber, pois os habitantes que deles se servem, se quiseram ver as suas vias melhoradas, tiveram que abrir as carteiras, para pagarem a mão de obra. A C.M. apenas forneceu o material. Por isso, aos habitantes que contribuíram para os seus melhoramentos, também é justo que se lhes faça uma referência. — No tempo em que eu serví na junta, Portugal ainda não tinha

entrado para a CEE, nem se falava, como agora se fala, em receber milhões de contos e não sacrificamos a economia dos habitantes e durante o nosso mandato de 3 anos, ainda fizemos alguma coisa de vulto, como se pode ver: — OBRAS PAGAS PELA CÂMARA DE ENTÃO: — Asfaltamento das estradas desde o lugar do Viso ao lugar das Lages, numa extensão aproximada de 900 metros; calçamento do caminho que serve o lugar de Orjás e calçamento do caminho que hoje liga à estrada que vai para a Bouça, do lugar do Casal. — MELHORAMENTOS FEITOS E ADMINISTRADOS PELA JUNTA SEM AUXILIO DA C.M. — Um lavadouro com cobertura no lugar de Soêngas e outro igual no lugar da Bouça e ainda o arranjo do lavadouro no lugar da Portela; abertura de uma estrada desde o lugar de Parada de Baixo, a ligar à estrada de Fiães no lugar de Paçô da freguesia de Rouças, e arranjo de um bocado de caminho no lugar do Curtinhal. — Canalizamos a água para o cemitério, desde o lugar de Soêngas, numa extensão de mais de 500 metros; Tentamos a exploração de água para o lugar de Corveira, que não se efectuou por o mineiro ter metido água no poço de um rego que

passava próximo. Conseguimos, com a Junta Fabriqueira, o terreno gratuito para a construção da actual sede da junta e Jardim de Infância e demos principio a esta obra; Adquirimos, por oferta do Sr. Amadeu Abílio Lopes e esposa D. Ulícea Lopes, todo o material do Parque Infantil, instalado no terreno da ex-Obra das Mães, no lugar do Val; Providenciamos no sentido de que a JAE, alargasse a curva da estrada Nacional no lugar do Viso, para uma melhor visibilidade da entrada da estrada camarária de Chaviães, vindo do lado da vila e a colocação de sinais indicativos em locais de necessidade. A pedido de vários habitantes, conseguimos pelas vias competentes a autorização para uma feira quinzenal de gado vacum, que afinal depois não quiseram conservar. E para terminar, devo dizer que não fizemos mais em prol da freguesia, por falta de tempo. As verbas usufruidas para liquidação dos melhoramentos referidos provieram de

bens da Junta de Freguesia e ainda entregamos à actual 293.500\$00.
Quanto ao elogio dirigido aos Presidentes das Juntas de Freguesia, no referido boletim nº 6, eu direi que não fazem mais que um dever cívico e patriótico, mesmo sacrificando por vezes os seus interesses. Não falta quem queira ocupar tão honroso cargo.

França. Que nos vejamos muitas vezes, são os nossos votos.

OPERAÇÃO CIRÚRGICA

Foi submetido a uma operação cirúrgica, na Clínica de S. Roque da cidade do Porto, o prezado assinante deste quinzenário sr. António do Nascimento Pinto, residente no lugar da Igreja e a quem desejamos um rápido restabelecimento.

NECROLOGIA

FELÍCIA DE SOUSA CAMPOS
Faleceu na casa de sua filha residente no bairro da Portela do Couto, Srª Virgínia de Campos de

CONTINUA NA PÁG 11

AMIGO LEITOR

Pagar sempre a assinatura Bem cedo e directamente É contributo importante Que pode dar toda a gente.



ARCA

Seguros — Apartamentos — Legalizações
A.C.P. - Autogrupos
Maria Fernandes Val Brito

Rua Velha - Melgaço - Telef. 43111 - 4960 Melgaço

DR. OLIVEIROS RODRIGUES
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
— MELGAÇO —

Compre agora e pague — em 12 MESES, em —
Móveis Castelo
DE
Ramiro de Lima A. Cerqueira
•
RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO
EXPOSIÇÃO: •
RUA DA CALÇADA



FABRIMAR DO PRINCIPIO AO FIM

UMA RAÇÃO DE RAÇA

À VENDA NA COOPERATIVA DE MELGAÇO

FABRIMAR

FÁBRICAS DE MOAGENS DO MARCO, LDA

A
S
S
I
N
E
D
I
V
L
G
U
E
«A
V
O
Z
D
E
M
E
L
G
A
Ç
O»

MANUEL CAJÃO

MÉDICO — CLÍNICA GERAL

CONSULTAS: todos os dias e ao domicílio.

FONTE DA VILA — TEL. 42820 MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & Cª, L.ª

CONSTRUÇÕES DE PRÉDIOS PARA VENDA
ALTA QUALIDADE A PREÇOS COMPATÍVEIS

EM BRAGA

Escritório :
Avenida Central, 54 - 1ª
Telefones :
27256 - 25185

CAPELA DA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

GONDUFE - CHAVIÃES

(Continuação)

No ano de 1789, há esta disposição de Maria Gonçalves de Gondufe, "... Item dice ella testadora qu em coanto seu corpo estiver sobre terra se lhe diria huma Missa a nossa senhora de encarnação de Gondufe resada".

Em 1791 é o testamento de António José da Costa e sua sogra Mariana Gomes, solteira, de Soengas, escrito em 8 de Janeiro pelo Dr. Inácio Luiz Ribeiro, onde há esta penada - "mais uma missa cantada à senhora da encarnação enquanto seu corpo estiver sobre terra".

Maria Gomes, viúva de Gondufe, em 23 de Setembro de 1794 manifestou assim a sua última vontade:

"Disse mais se lhe diria huma Missa à Senhora da Encarnação na Capela de Gondufe enquanto seu corpo estiver sobre terra".

No mesmo ano, Domingos Pinheiro e mulher Josefa Domingues, do mesmo lugar de Gondufe, cada um mandou dizer uma missa à senhora da encarnação. No testamento de Maria dos Santos viúva, do lugar do Val "uma missa pella tenção que ella aplica a Senhora da Encarnação.

Assim escreveu o Pároco da freguesia Pe. Diogo Manuel Alves, no testamento de Manuel Pires, de Gondufe, documento feito em 14 de Janeiro de 1799.

"E disse mais que tinha elle e sua companheira prometido huma festa a nossa senhora de Encarnação de Gondufe conforme he costume e mais seis missas a Santo António por tenção delle e sua mulher, e mais huma Bela da quarta, ao senhor dos Afritos; Declaro que as seis missas de Santo António e a Bela de quarta, he por tenção de ambos a dois que pagarão os herdeiros de sua mulher a metade por ser huma promeça que fizeram elle e sua mulher para ter susseção, e que tiverão huma Menina e que lhe falecera, e que ficarão ambos os dois obrigados à promessa e para pagamento da festa, e a Bela deixava a leira da Mintreira.

No século XIX continua a manifestar-se a devoção à Senhora da Encarnação de Gondufe nos testamentos dos habitantes de Chaviães.

Em 1806, a 25 de Outubro fez testamento o Pe. Manuel Alves das Redondas e entre as missas deixadas no bem de alma há:

"Mais outra missa cantada à Senhora da Encarnação de Gondufe" e mais adiante diz outra resada à Senhora da Encarnação.

No testamento de Manuel Rodrigues, de Gondufe de 1810 lê-se:

"Mais huma missa cantada a Senhora da Encarnação na Capella de Gondufe, todos de esmola de cento e sessenta reis, com declaração que a cantada na capella de Gondufe será de Ismolla de oitocentos reis".

No testamento de José Esteves, casado de Gondufe feito em 6 de Dezembro de 1813 também não esqueceu a Senhora da Encarnação de Gondufe.

E em 13 de Janeiro de 1834 Manuel José Gomes de Barraço ao ditar ao tabelião as missas de seu bem de alma dispôs, "outra à Senhora da Encarnação de Gondufe".

Julgo que estes elementos chegam para se ver que a Imagem da Senhora da Encarnação de Gondufe sempre teve devotos. É certo que há uns bons anos a esta parte ja raras vezes se faz a festa em sua honra, mas pelo menos há missa de 15 em 15 dias e a capela encontra-se preparada e limpa e com paramentos e alfaias necessárias para o culto divino, e isto só honra os habitantes de Gondufe bem assim como o pároco da Freguesia de Chaviães, Rvd. Pe. Daniel Magalhães.

M.S.C.

Melgaço 12-01-1989

ELECTROTECNICA

António Solha & Irmão
Praça da República
4960 MELGAÇO

*Rádio -Instalações
Eléctricas
* Televisão -
Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS
Assistência Técnica qualificada
TELEFONE: 42294

SERRALHARIA ARTÍSTICA

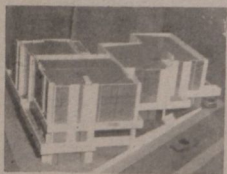
C O D Y

- PORTAS - CAIXILHOS -
MARQUISES -
(Tudo em Alumínio
Anodizado)

de Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne - Telef. 42244

4960 MELGAÇO

CONSTRUMINHO, L.D.A.



Largo da Calçada
Telef. 42039 - 4960 Melgaço
Rua Almirante Ramos Pereira
Telef. 91 13 72
4915 Vila Praia de Ancora

"A OUTRA MARGEM"

Está um lindo dia de sol, saio para a varanda do meu quarto, sento-me à mesa e decido escrever sobre alguma coisa. Pego na estereográfica e no papel, mas infelizmente nenhuma ideia floresce na minha mente. Olho o horizonte, alheia a tudo o que me rodeia. Como pano de fundo, o mar impávido, sereno e calmo. Repentinamente essa paisagem começa a ocupar um espaço no meu espírito. É então que o meu pensamento começa a divagar como um dos muitos vagabundos que encontramos na rua.

Então já não me encontro na varanda do meu quarto, mas sim em Monção à espera da camioneta para Melgaço. O sol inunda de beleza e pureza a minha alma e a conversa que mantenho com a minha amiga. Junto de nós senta-se uma senhora de idade e penso para com os meus botões: "que grande seca agora, nem podemos sequer conversar à vontade".

Eis! que então o cenário alegre e descontraído se torna num silêncio sepulcral, somente interrompido pelo barulho da velha que busca qualquer coisa no recanto mais escondido do seu saco de mão. Dela retira dois papéis que mais tarde vim a verificar, não sem espanto, que se tratava de promissórias do banco.

Espanto esse que veio a aumentar, quando se dirigiu a mim com os olhos tristes de uma súplica, que em vão tentou esconder, pedindo-me para ver qual o saldo da sua conta. Isto bastou para eu retroceder no tempo e tentar ver como eles se sentiam em relação aos mais jovens. Todavia, esse retroceder no tempo deu-me a sensação odiosa e uma das chamadas dores de consciência, pois verifiquei como por vezes somos injustos com os mais velhos. Que tristeza devia ser a daquela senhora com o rosto meigo e amargurado pelos dissabores da vida. Por vezes dizemos: os velhos são uma seca; flouzino é que tem sorte pois os velhos da casa dele são ultraporreiros. Mas esta senhora, que até não conhecia, fez-me ver a outra margem. Como deve ser triste vermos-nos envelhecer pouco a pouco e nada poder fazer para o evitar. À medida que as rugas vão aparecendo vamos andando mais e mais devagar, uma corcunda vai aparecendo lentamente nas nossas costas; os filhos vão-se afastando mais e mais deles. Então dos netos de alguns eles já nem se fala quando lhe dirigem a palavra! Estes respondem-lhes com palavras duras e amargas; outros, porque se não dão bem com os seus respectivamente noras e genros, ou estão doentes e em nada os podem ajudar ou então impedem-nos de fazer coisas que por vezes eles desejavam, vão para os asilos e só vêem os seus familiares de tempos em tempos.

Eles que deram uma vida feliz aos seus filhos e estes retribuem-lhes com infelicidade e ingratidão. O problema é que nós não conseguimos ver que, às vezes, por detrás da sua arrogância e rigidez há um esconderijo para as suas fraquezas e os sentimentos de inferioridade, e não pensamos que também lá chegaremos.

Ariana Raiana

Novas assinaturas

Deram-nos a honra de assinar o nosso jornal, os nossos estimados assinantes:

— José Pereira, Augusto Aurélio Gonçalves, Monsieur et Madame Vaz e Dorinda da Conceição Vaz, todos ausentes em França; Fernando Bernardes e Franklin Lopes, de Penso, e António Adão Castro, de Alvaredo.

A todos os nossos agradecimentos

O MESTRE AURÉLIO



Há bastantes anos sou ávido "consumidor" do nosso Voz de Melgaço. A minha avidez, no entanto, não impede que preste atenção a todas as minúcias. Desde o cabeçalho aos anúncios, nada escapa.

Tudo me agrada e só fico triste por o jornal não dizer tanto quanto eu desejava.

Assim, vou tomando conhecimento dos novos colaboradores que surgem, e é sempre uma alegria verificar que mais alguém se dedica ao nosso grande jornal.

Veza por outra aparecia matéria assinada por Aurélio Barbosa muito interessante por sinal. Houve época que essa colaboração foi mais assídua e o tema era recordações. Falava dos seus tempos de rapaz e de um amigo, o Arlindo da Loja Nova. Devo ser um pouco mais novo que o Aurélio e por isso não tenho lembrança da sua pessoa, recordo-me, entretanto, do Arlindo. Eu era um fadêlho e ele um dos personagens mais discutidos da nossa vila. Recordo-me quando ele, num rasgo de pioneirismo, instalou uma fábrica de moagem, mecanizada, naquele barracão que existia depois da Loja Nova, à margem da estrada, quem ia para Galvão.

Mas é sobre o Aurélio que eu estava falando. A colaboração deste ilustre confratâneo, foi-se tornando aprimorada e com valioso teor literário. Notava-se a preocupação de querer colaborar, de engrandecer o jornal a ponto de desenhar o cabeçalho que durante algum tempo foi usado. Nesse labor, deixava transparecer um grande baírrismo, uma vontade enorme de divulgar os símbolos da nossa terra. Eu, que sou artista plástico, profissional, senti-me envergonhado por nunca me ter proposto fazer o que aquele amigo, na sua técnica inocente, fez.

Mas os artigos e poesias assinados pelo Aurélio foram crescendo em qualidade a ponto de culminar naquele maravilhoso conto sobre a pastora. Durante algum tempo silêncio, felizmente voltou no número que antecedeu o natal.

Ao receber o jornal, vi aqueles versos com o título "NATAL! NATAL!", e antes de os ler fui ver o nome do autor. Estava lá: Mestre Aurélio.

Apressei-me a julgar e ponderei: é presunção de mais intitular-se de "mestre". Realmente é bom, mas...

Ponderei melhor e achei que uma pessoa que dava demonstrações de humildade nos seus escritos, não iria auto-intitular-se daquela maneira. Deve ter sido o pessoal do jornal que assim o chamou, concluí.

Li, então, a poesia. Li e fiquei apalermado. Li e reli muitas vezes até em voz alta, declamando, querendo interpretar o seu significado.

Chorei de emoção. Quanta ternura, beleza, sentimento, além de relatar uma cena de aldeia tão explicitamente, em versos simples, sem qualquer rebuscamento, que me senti viver aquele momento relatado.

Pensava que o Aurélio fosse idoso, talvez o seja cronologicamente; mas é um jovem, intelectualmente.

Em versos, com palavras comuns e abordando um tema conhecido, compôs uma maravilhosa e moderníssima poesia, com sabor novo, muita ternura, sem pieguices.

Isso não é coisa de Mestre, é coisa de Génio.

Parabens, amigo!

Rio de Janeiro, Ano Novo de 1989
M. Félix Igrejas (o Manel do Augusto Félix)

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia
Autopullman de luxo - Serviço de Bar

VIAGENS RESENDE

Porto - Rua dos Carmelitas, 7
Lisboa - Rua dos Bacalhoeiros, 20-A

e AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.
NOVO HORÁRIO DO EXPRESSO
S. GREGÓRIO - PORTO

b	a	c	LOCALIDADES	d	b	a
7.30	15.00	19.15	P S.GREGÓRIO C		20.25	23.00
7.45	15.15	19.30	Melgaço	8.45	20.10	22.50
8.15	15.45	20.05	Monção	8.15	19.40	22.20
9.10	16.30	21.00	Arcos de Valdevez	7.30	18.55	21.35
9.15	16.40	21.15	Ponte da Barca	7.25	18.45	21.25
9.50	17.10	21.45	Vila Verde	6.55	18.15	20.55
10.15	17.25	22.00	Braga	6.40	18.00	20.40
10.35	17.45	22.30	V. N. Famalicão	6.10	17.25	20.05
11.25	18.48	23.15	C PORTO P	5.30	16.30	19.10

- a) - às 6.as feiras ou vésperas de feriados
- b) - De 2ª a 6ª feira excepto feriados.
- c) - Aos Domingos e feriados
- d) - às 2.as feiras.

INÊS NEGRA

A HEROINA DE MELGAÇO

INÊS NEGRA

SUMÁRIO

Lua-de-Mel — A primeira separação — Incurções na Galiza — Morte de Rui Mendes de Vasconcelos — Regresso a Coimbra — Doença do Rei — Partida do Duque de Lencastre — Viuvez de Nuno Álvares — Projecto de ataque a Melgaço — A Corte da Rainha é convidada a assistir — As duas contendoras — Luta de mulheres — Vitória de Inês Negra.

Eram casados de pouco quando foram obrigados a separar-se, porque as exigências da lide guerreira assim o impunham a El-Rei D. João I.

Em plenilúnio de mel, a loura Filipa de Lencastre, afectuosa e ternamente enlaçada no noivo, que a política do pai lhe outorgara, e a quem desde logo a sua alma se rendera, sentiu como que se lhe arrancassem o coração quando ficou assim, sozinha em terra estranha.

É certo que a rodeavam donas nobres e civi-lheiras de qualidade, mas todas eram portuguesas. É certo que a acompanhavam prelados, dignitários e doutores, gente de estirpe ou de consideração, mas pouco de molde a saber consolar-lhe o ânimo saudosos.

Ainda houve, no momento da partida, uma voz que parecia interpretar o seu sentimento. Era Gonçalo Mendes, que exclamava:

— «Senhor! N'este Reino sóhia de haver um costume de antigo tempo que o homem no anno que casava, não havia de ir em guerra, nem ser constringido para ella. E vós que ha tão pouco que casastes o queis agora britar e vos ir fóra do reino?»

D. João I, porém, não era homem que a lua-de-mel edulcorasse molemente, nem que cedesse a exortações de brandura emoliente.

Respondeu, com sobrececho, «que assim lhe cumpria por defensão da sua terra, e fazer damno a seus inimigos».

E arredou-se do Porto, penetrando em Castela, para ajudar o sogro na sonhada conquista do trono daquele reino.

Fruindo fortuna vária, mas sempre com arranjo, essa pequena hoste, ainda rutilante da glória alcançada em Aljubarrota, Atoleiros e Valverde, atravessou o rio de Maçãs, entrando em terra inimiga.

Iam os dois Condestáveis — Nuno Álvares, o de Portugal, e João de Holanda (irmão do Rei de Inglaterra), Condestável do Duque de Lencastre.

Na vanguarda caminhava o Prior do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo, enquanto que numa das alas montava, soberbo, Martim Vasques da Cunha, que Mem Rodrigues, na sua linguagem imaginadora, dizia «ser tão bom como D. Galaaz», o cavaleiro da Távola Redonda. Acompanhava-o a gente do mestrado de Cristo, que levava, em vez de bandeira, um grande «prumão», ou penacho de plumas, numa lança de armas.

Na outra ala luzia, com garbo, Rui Mendes de Vasconcelos, sempre ardido e desenvolto no cometer; Gonçalo Vasques Coutinho, «tão bom como D. Tristão», e outros mais. Era na própria consciência do bando heróico, uma Corte desse novo Rei Artur, Flor-de-Lis, D. João I de Portugal.

Seguindo em imaginação a marcha da hoste na sua tarefa afanosa de ataque, de conquista e de rapina, assistimos, maravilhados, à rude e enérgica actividade deste Rei de 30 anos, ao mesmo tempo severo e lhano, audaz e cauteloso, pronto e cruel, até, em reprimir, mas generoso no premiar, inexorável com os delinquentes mas afável, familiar e bom camarada com os companheiros de armas. Verdadeiro chefe, sabia mandar.

Perfeito rei, na missão paternal, era o protector do seu povo.

E ele lá vai montado galhardamente, vestindo, com elegância, o loudel de pano de sirgo branco

com a cruz de S. Jorge, incitando uns, gracejando com outros e discutindo com Nuno Álvares a precedência na vanguarda, que este não queria ceder ao Duque de Lencastre...

Atacaram Benavente, tomaram Roales e Valdeiras e cercaram Vila Lobos, havendo aqui e além escaramuças, e correndo-se pontas, sempre com brilho e lustre para a gente portuguesa.

Desafiavam às vezes os inimigos a combates singulares: agora um criado do Condestável, Álvaro Gomes, que «sem fraldão e bem desenvolvido» deu em terra com um castelhanu seu contendor; logo Lamborni pelos portugueses e o francês Ruby pelos castelhanos; aquele levando o bacinete sem cara, este com dois calmais e um gorjal, o que não lhe evitou ser posto fora de sela, tombando limpo no chão. Mais depois é a façanha de Rui Mendes, que, saindo da sua tenda sem armadura e apenas com o escudo no braço e a lança na mão, dá caça aos castelhanos, fazendo-os mergulhar nas águas turvas da cava. Essa imprudência valeu-lhe uma repreensão do Rei, ao qual, bem humorado e em tom de graça, o valente responde:

— «A la fé! Eu sou Rodrigo, tão bem las faço, como las digo.»

E logo adiante dá-se a escaramuça, junto a Castro Verde, deste mesmo Rui Mendes de Vasconcelos, que foi atingido perto do ombro por um virotão, que o feriu.

A cena é descrita tão pitorescamente pelo velho Fernão Lopes que, para lhe não tirar o sabor, a copiamos tal como ela aparece na crónica:

«E como veio à tenda e foi desarmado disse a aquelles que eram presentes:

— «Por certo eu sou ferido d'herva.»

«E os outros dizendo que não, elle aprofundando que sim, foram-n'o dizer a El-Rei, ao qual pezo muito d'esto, e veiu logo alli por lhe tirar tal imaginação esforçando-o que não era nada, respondeu elle e disse:

— «Senhor, eu ouvi sempre dizer que aquelle que ferem com herva, que lhe formeguejam os beiços, e a mim parece que quantas formigas no mundo ha, que todas as tenho em elles.»

— «Pois assim é, disse El-Rei, bebei logo da ourina, que é mui proveitosa para esto.»

«Elle disse que não beberia por cousa que fosse; El-Rei aficando-o todavia, e elle dizendo que não, como mavioso senhor, com desejo de sua saude, por lhe mostrar que não houvesse nojo, gostou da ourina e disse contra elle:

— E como não bebereis vós do que eu bebo?»

«Elle não o quiz fazer por quanto lhe dizer poderam.

«El-Rei vinha-o ver cada dia duas e tres vezes, e ao terceiro dia estando com elle fallando, dizendo-lhe muitas razões de esforço, elle disse contra El-Rei:

— «Senhor, eu vos tenho em grande mercê vossas palavras e visitação, mas entendo que em mim não ha senão morte...»

«El-Rei como ouviu isto, voltou as costas e sahiu da tenda com os olhos nadando em lagrimas... e logo esse dia fez seu acabamento, de cuja morte El-Rei e o Duque e todos os do arraial tomaram grande nojo e tristeza...»

Poderá a nota naturalista da anedota, no que se refere à farmacopeia medieval, provocar um sorriso de leve enjoo a alguma leitora menos afeita à prática das rudes tisanas emborcadas por nossos avós.

Mas ninguém se furtará a uma enternecida admiração, sentindo a grandeza da cena.

Na barraca de campanha armada em terra inimiga jazia o bravo batalhador moribundo, padecendo horrores, com os tormentos causados pela lança que os tóxicos violentos do *strophantus* ou da *digitalis* haviam envenenado e checando estoicamente os sintomas precursores da morte.

Junto ao catre improvisado, e de entre os companheiros de armas, destacava-se D. João I, camarada nas pelepas e nos triunfos, com as lágrimas

bailando-se nos olhos, inquieto, ansioso, comovido a ponto de não hesitar na prova do repugnante medicamento que preconizava como infalível.

Ele, às vezes tão duro que fazia lembrar seu justiceiro pai, naquele lance deixava humanamente revelarem-se requintes de sensibilidade.

Era esse punhado de heróis, cujos ânimos abrigavam não só as qualidades brutais e violentas que levam à vitória, mas as delicadas dedicações e devotadas amizades, prontas para o sacrificio, que fazia exclamar o Duque de Lencastre, quando presenciava as suas façanhas:

— «Oh! que bom Portugal! Oh! que bons Portugueses!»

*
*
*

Quando, terminada aquela campanha, no fim do mês de Julho, El-Rei vinha com a sua hoste, de Guimarães pelo Porto, em direitura a Coimbra, onde então estava a Rainha, ao chegar ao Curval, pequeno povoado a meio caminho das duas cidades, sentiu-se acometido de doença.

Dor de quentura, diagnosticaram os físicos consultados sobre o caso.

«Que a doença parecia grave» — acrescentavam; que já tinham caído enfermos muitos dos homens de armas, com a mesma moléstia, causada talvez pelos excessivos calores da estação; e que era conveniente avisar a Rainha.

Partiu logo, a galope, um estafeta, sem parar, até Coimbra, onde, de visita a sua filha, se achava também o Duque de Lencastre. O mensageiro subiu à Alcáçova, penetrou nas abobadas que levavam à sala dos archeiros e, ofegante, descarregou-se do penoso recado.

Logo foi grande e tão ruidoso o burburinho nos Paços de Coimbra, que chegou aos aposentos de D. Filipa, surpreendendo-a dolorosamente.

Longe de ser, como a alguns se tem afigurado, uma mulher fria, fleumgática, pedaço de gelo importando de Inglaterra, que o sol da nossa terra não logrou derreter; longe de ser apenas uma criatura de dever, forja geradora de *altos infantis* e rígida disciplinadora de corte, a loura inglesa, que tão grande missão veio cumprir no mundo, era amável e ternamente devotada ao marido, que ela sentia «tão concordável ao seu desejo».

Demonstram-no, além das palavras dos cronistas (talvez sujeitas a reservas), o que é mais e o que é melhor, alguns factos que revelam a sua índole carinhosa e meiga, a sua alma toda entregue ao homem a quem, além de tudo, a ligava um sentimento de gratidão, pela preferência que lhe dera sobre sua irmã, D. Catarina, mais nova, talvez mais formosa, e com direitos, por sua mãe, a um trono — o trono de Castela...

Bem sabia ella que o Rei a não escolhera por amor, pois D. João I, entendendo que pretender esse trono para si seria um perigo para Portugal, optara pela solução mais convincente à sua política.

Entretanto, era certo ter sido ella a eleita. E as mulheres nunca são indiferentes a uma preferência. Além disso, o coração não carece de razões para se decidir.

Gosta-se porque se gosta!

E porque a loura Rainha recém-casada adorava o marido, apenas o soube doente determinou partir.

Não atendeu a pedidos, exortações e súplicas para que desistisse de cometer tamanha imprudência.

O Verão corria abrasador e doentio (diziam-lhe), os carminhos eram ásperos e as mulas facilmente tropeçariam nos córragos pedregosos dos montes até ao Curval. Uma queda desastrosa podia ameaçar e até destruir a esperança de um herdeiro, que se ia annunciando propiciamente. A nada cedeu.

INÊS NEGRA

CONTINUAÇÃO DA 5ª PÁG.

Conselhos do pai que, com a sua voz arrastada, mas persuasiva, insistia sensatamente, rogos das damas, representações dos físicos e dos homens sisudos, tudo foi inútil para a demover.

Organizou-se, prestes, a caravana.

Donas, aias e camareiras, besteiros portugueses e alguns arceiros ingleses prepararam-se sem demora para a abalada.

Com infinitas cautelas acomodaram as andas que haviam de transportar a Rainha e não tardou que a cavalgada se pusesse em marcha, caminhando todos em silêncio e ruminando cada qual pensamentos inquietadores.

A Rainha, por um fenómeno frequente nas almas alvoçoçadas com a aproximação da desgraça, recordava os tempos da sua efêmera felicidade. Rememorava as bodas, ainda recentes, com os festejos, justas, danças e trebelhos. Revia o cortejo saindo do Paço Episcopal do Porto, através das ruas atapetadas de «verdura e cheiros». Olhava, com os olhos da alma, a figura do seu noivo, que se lhe afigurava um arcanjo, montado num cavalo branco em panos de ouro, junto ao dela, que era levado de rédea pelo Arcebispo. Escutava o eco das trombetas, das pípias e das músicas, que se casavam com as aclamações da multidão em delírio.

Relembrava a sala do banquete, com as mesas *mui guarnidas*, em volta das quais se sentavam os bispos, os fidalgos, os burgueses do lugar, donas e donzelas do Paço e da cidade. E repassava, comovida na memória, a cena dos prelados, à luz das tochas, benzendo o leito nupcial.

Depois, era a primeira separação, tão custosa ao seu afecto, mas em que o via partir são, forte, todo entregue à ansia de batalhar...

E agora?...

Agora era uma onda de amargura levantada no coração pelas más novas; era o receio do que iria encontrar; era a ameaça do Destino que lhe afogava a garganta; era o prognóstico de um sortilégio sinistro que lhe oprimia as entranhas, em que se estava gerando o futuro Rei de Portugal.

O Duque de Lencastre, aparentando mocidade, apesar dos seus sessenta e tantos anos, ia também apreensivo, embora disfarçasse a perturbação que lhe trazia ao ânimo tantas interrogações inquietadoras.

Até que ponto a morte provável do genro alteraria a situação e prejudicaria o êxito das suas ambições?

Aos espíritos de todos os outros, que acompanhavam a Rainha, afluíam semelhantemente, incertezas aflitivas.

Em alguns (almas generosas, incondicionalmente devotadas ao Rei), dominava a angústia e o receio de o perderem, sem a mistura de outro sentimento.

Outros pesavam dentro de si, naquela balança de egoísmo, inseparável da natureza humana, os prós e os contras que um desenlace funesto traria às conveniências próprias. E o interesse, a principal força determinante das acções dos homens, segredava-lhes perfidamente soluções diversas para o seu proceder ulterior.

Se a criança nascesse viável, quem seria o Regente na menoridade?

Se, porém, a Rainha não desse à luz um herdeiro, a quem iria de vez o governo do Reino?

Do lado de Castela redobriariam as pretensões!...

O rancho, conturbado, caminhava silenciosamente, sob a opressão de agourentos presságios. Chegaram ao Paço do Curval. Ali, o estado do Rei não era de molde a tranquilizar ou desfazer cuidados.

Quando a Rainha e o Duque seu pai viram o enfermo, vencido pela febre, «tão fraco e sem esforço que adur lhe podem falar, ficaram nojosos e tristes».

Os cirurgiões, interrogados, temiam que a prostração em que a *quentura* deixara o Rei o

levasse em pouco. Ouvindo isto, a desditosa Rainha, atormentada e exausta com a violência da jornada e das comoções, sentiu que alguma coisa se despedaçava dentro em si... e moveu uma criança.

Com este parto prematuro e desastrado iam-se todas as alegres esperanças, desmornava-se o edifício da sua felicidade sonhada e... (coisa rara na vida) da sua felicidade realizada.

Via-se sozinha, casada de pouco em terra estranha, falecer-lhe logo assim tudo o que a fortuna lhe trouxera, «e bem se tinha por mal aventurada entre as mulheres do mundo». Chorava, pedindo à morte que a levasse primeiro.

Na câmara próxima, onde os lamentos da Rainha, por serem energeticamente sufocados, não chegavam, o Rei, cônciso do seu estado, tomava providências.

Mandava chamar o Condestável, agora ausente no Alentejo. Fazia testamento. E dispunha-se a morrer, perdoando a alguns fidalgos que mandara, tempos antes, encarcerar.

Era solene o momento. A Rainha, receosa de que a morte lhe roubasse o marido, como lhe roubara o filho, levantou-se e, embora gravemente comalida, arrastou-se até ao quarto onde o Rei agonizava.

Não sabia reter as lágrimas. A voz embargava-se-lhe na garganta. Olhava-o, sem articular uma palavra, tomada daquela ansia com que nas



ocasiões decisivas tentamos arpoar um vislumbre de esperança.

Contudo, os olhos do Rei, semicerrados, e a sua respiração ofegante não permitiam ilusão!...

Então aquela mulher a quem o Destino parecia ter talhado uma tão radiante missão sentiu-se miseravelmente infeliz e caiu junto à cama do moribundo, numa convulsão de choro, implorando a protecção de Deus e da Virgem Maria.

Assim se conservou largo tempo...

Pelas janelas entreabertas ouvia-se de quando em vez o carpil do povo, sempre exuberante nas manifestações do seu sentir. Os lamentos da multidão, impressionada com os presumíveis sinistros, casavam-se com as preces roufenhas dos sacerdotes e com os soluços da Rainha.

Sentia-se o destino da Nação suspenso por um fio...

A autonomia de Portugal dependia de um alento daquele homem, estendido num catre estreito, junto do qual o vulto de D. Filipa continuava rezando...

Passaram horas...

Como se a misteriosa acção das preces e o esforço super-humano daquele coração de mulher posto num só afecto operassem mais eficazmente que as drogas ministradas pelos físicos, o arquejar do robusto arcabouço foi-se tranquilizando, os olhos começaram a descerrar-se e o enfermo entrou a renascer para a vida...

Estava salvo D. João!

* * *

Foi do Curval convalescer a Coimbra, onde a Rainha também se libertou do pesadelo que lhe

oprimira o ânimo. Recomeçou para os dois o idílio interrompido.

De breve dura, porém, havia de ser o repouso, que nem D. João I era homem que se deixasse ficar em lazer descuidado quando tantos negócios lhe solicitavam a atenção.

Cumpria despachar o sogro, que começava a ser um estorvo sério e cuja empresa ia perdendo probabilidades de êxito. Cumpria reunir Cortes para a resolução de alguns negócios de Estado. Cumpria caminhar sobre Melgaço, única praça que no Minho ainda conservava voz por Castela.

Foi resolvido partir logo, de Coimbra para o Porto, onde El-Rei e a Rainha, que o acompanhava, despediram o Duque de Lencastre e a sua reduzida hoste, que, em seis galés, numa clara manhã de fins de Setembro, largou de foz em fora, para Bayonna, então inglesa.

Desembarçado assim do hóspede e aviados outros assuntos, que se antolhavam urgentes, dirigiu-se D. João I para Braga a reunir as Cortes.

Foi durante elas que D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável, teve notícia da morte de sua mulher. Correu ao Porto, onde ela falecera, fez-lhe exéquias solenes, mandou a filhinha para Lisboa, a guarda da avó — Iria Gonçalves —, e, arrumadas assim as coisas domésticas, voltou para Braga, onde o reclamava o interesse do Estado, verdadeiro fulcro do seu espírito.

Negócio de Estado era também por certo e de alta importância para D. João I essa viuvez de Nuno Álvares.

Grande conchavador de casamentos, até mesmo sem audiência prévia dos interessados, El-Rei resolveu logo, de acordo com a Rainha, casar o seu Condestável com D. Beatriz de Castro, filha do Conde D. Álvaro Pires, «uma donzella assaz formosa e bem filha d'algo». Próxima parenta da linda Inês, *collo de garça*, possuía porventura o mesmo poder de encanto que seduzira o Rei D. Pedro. Este viúvo, porém, era pouco susceptível de se deixar cativar com graças femininas.

Avesso por indole ao trato conjugal, não lhe sofria também o ânimo independente aquela imposição de um consórcio assim improvisado.

Resistiu bisonhamente — ao Rei, com uma simples negativa; à Rainha, pela qual professava um respeitoso afecto, respondeu esquivamente:

— «Para offerecer a D. Brites os braços, era preciso que estivessem desarmados e não convém ainda lançar a espada.»

Escusa de guerreiro! Sentir de monge!

Desobrigado assim e livre da teia em que podia ser enleado, levantou voo para entre Tejo e Guadiana, onde a fronteira estava ameaçada.

D. João I conhecia o seu irmão de armas. Era inútil insistir, podendo até qualquer teima provocar alguma daquelas desavenças que entre os dois às vezes surgiam.

D. Beatriz, se acaso edificara naquele terreno o castelo da sua felicidade, viu-o desfeito em névoa, antes mesmo de o habitar. E continuou (até que ao diante levou outro destino) a ser ornamento na Corte de D. Filipa, acompanhando-a, como as outras, na jornada que logo El-Rei empreendeu sobre Melgaço e onde por certo foi das que mais aplaudiram a aventura da aguerrida *Inês Negra*, que logo vamos presenciar.

Compunha-se a casa da soberana de nobres senhoras que El-Rei pusera ao seu serviço. A ela pertenciam: como aia, a camareira-mor D. Beatriz Gonçalves de Moura, viúva de Vasco Fernandez Coutinho, senhor de Liumil; e, como damas, a filha desta, Tareja Vasques Coutinho, viúva do filho do Conde D. Gonçalo, e, portanto, cunhada de Leonor Teles; a irmã daquela, Leonor Vasques, que depois casou com D. Fernando, que chamaram de Bragança, filho do Infante D. João; D. Biringueira Nunes Pereira, prima do Condestável e filha de Rui Pereira, que morrera na peleja das naus ante Lisboa; e ainda outras que

INÊS NEGRA

CONTINUAÇÃO DA 6ª PÁG.

formavam um luzido batalhão volante nesse cortejo que ia assistir ao mais típico episódio daquela época.

D. João I preparava-o adrede para mostrar à Rainha como se assediava uma praça e para exhibir perante a sua Corte a valentia dos homens de armas que vinham consolidando a independência do Reino.

Era uma genuína galanteria de guerreiro medieval, esse desejo de fazer assistir a fina flor da Corte feminina ao rude embate dos seus besteiros contra a fortaleza rebelde. E era ao mesmo tempo um poderoso incitamento para a hoste, esse torneio revelador da arte, da destreza e do valor com que se pelejava.

Era também uma vistosa parada de forças combatentes perante os olhares mulheres, o mais aguilhoante estímulo da cavalaria gloriosa.

Era, finalmente, uma *ala de namorados* de nova espécie batalhando em frente de suas damas.

Era, em resumo, uma fantasia de herói!

Marchou a numerosa comitiva de Braga para Monção, onde D. Filipa foi acampar, indo logo a seguir ao mosteiro de Santa Maria de Fiães, perto de Melgaço. Acompanhavam-na João das Regras, o Doutor, João Afonso de Santarém e ainda outros letrados e jurisperitos, mais exercitados no manejo das Pandectas e das Institutas que no brandir das espadas e dos arremesões.

*
*
*

Corria o mês de Janeiro de 1388. As chuvas tinham ensofado os campos. A paisagem minhoto, tão festiva de cambiantes durante o Verão, com os seus soutos de castanheiros florentes; com as suas videiras de enforcado enroscando-se nos troncos e ensombrando os pátios das habitações; com os fetos de franjas recortadas adornando as sebes; com as eras e musgos revestindo os penedos graníticos; com o veludo esmeraldino das nogueiras e as folhas bicolores das lílias opulentas; com a pradaria clara rindo alegremente na voluptuosidade das regas abundantes; toda essa sinfonia de verde, executada a grande orquestra, sob a regência de um sol brilhante, que vivifica o torrão; que se reflecte nas lantejoulas de feldspato e de mica, tapete dos caminhos feito como do pó de diamantes e que dá a essa região o jeito de um sorriso da Natureza; essa paisagem apresentava naquela quadra do ano a fisionomia rabujenta de uma criança amuada.

O Inverno ia rigoroso. As chuvas tinham engrossado as levadas e avolumando os regatos, dificultando a marcha da hoste guerreira e os movimentos da comitiva real. Por isso o séquito prosseguia lentamente, mas sem desfalecimento.

O tropear dos cavalos e dos machos sobre o lajedto da estreita estrada romana que segue de Monção a Remoães e dali à aldeiazinha do Prado, galgando os rios com a ponte do Mouro e a ponte da Folia (duas reliquias de eras já idas), que as urzes e as heras enfeitavam com garridice; o vozear dos homens de armas; as exclamações e gritos femininos; e as pragas rouquenhadas dos moços bagageiros e condutores de equipagens alvoroçavam a gente do campo.

Aqui e além deparavam-se numa volta do caminho povoações ou casas isoladas.

E do fundo escuro dos estreitos postigos, perfurados nos rústicos tugúrios de pedra cinzenta, debruçavam-se bustos de mulheres com olhar curioso. De sobre os muros, com as cabeças hirsutas, os camponeses olhavam embasbacados os comboieiros de munições e pasmavam para as hacaneias em que cavalgavam as donas, as aias, as criadas e as cristaleiras. Dos cancelos surdiam garotos a misturarem-se na comitiva, mendigando sobejos dos farnéis, enquanto bandos de galinhas

e de patos fugiam espavoridos da perseguição da soldadesca, que dissimuladamente tentava deitar-lhes a mão, na expectativa de uma ceia restauradora.

E a extensa comitiva, coleando pelos caminhos do vale, deixava à esquerda os montes levemente ondulados da Galiza, a padraço do rio Minho, e começando a subir a encosta, que vai ao Prado, avistava já a senhoril Melgaço, com a sua torre tão nobre a destacar-se sobre o verde-escuro dos pinheiros de Bouças.

A Rainha, com a sua Corte, contornando Melgaço, foi aposentar-se no opulento mosteiro de Fiães, onde os oitenta monges beneditinos, com o Dom Abade à frente, a vieram receber fidalgamente na avenida que conduzia à portaria do convento.

El-Rei D. João I ficou com as suas mil e quinhentas lanças, afora a gente de pé, no campo a nordeste de Melgaço, onde logo ordenou que se assentasse o arraial.

Armaram-se as tendas, em que pousaram, além do soberano, o Prior do Hospital, D. Álvaro Gonçalves Camelo; D. Pedro de Castro, que havia pouco abraçara a causa de Portugal; João Fernandes Pacheco (filho de Diogo Lopes, assassino de Dona Inês), de quem Mem Rodrigues dizia ter as qualidades de Lancelote do Lago, e muitos outros capitães e senhores.

Tudo se preparou para a arremetida.

Melgaço, dentro das fortes muralhas em que D. Dinis envolvera a quadrada torre afonsina guarnecida de dentes que mordem o céu, era defendida por Álvaro Pais de Souto Maior e Diogo Preto Eximeno, que tinham trezentos homens de armas e muitos peões.

Além da gente de guerra, era a pequena vila povoada por moradores pacíficos, cujas famílias habitavam as casinholas de granito, com pequenas escadas exteriores, de poucos degraus, e um varandim, que formavam, junto à parte interna das muralhas, estreitos arruamentos (1).

Entre as famílias que nesse fim do século XIV se acoitavam naqueles habitáculos havia a de uma portuguesa a quem, por se ter bandeado com os castelhanos, tinham dado a alcunha de — *Arrenegada*.

Era esforçada. Aquilo a que o povo chama uma *refilona*, e, como todos os *renegados*, odiava fidalgamente os seus antigos compatriotas.

Fervia-lhe o sangue em cachão com o presenciar, do alto das muralhas, os preparativos do campo português. Ardia em fúria e ânsia de

(1) Ainda hoje, enquanto isto escrevemos (Agosto, 1917), a vila conserva algumas dessas vielas de pitoresco aspecto e é, em parte, cintada com as veneráveis muralhas que tanto a enobrecem.

Consta-me, porém, que o Município, com a deplorável mania de «modernizar», vício incorrigível das nossas edilidades, umas boçais, outras mal orientadas, está atentando criminosamente contra a majestade da sua terra, dilacerando-lhe os vetustos flancos, para «fazer dinheiro» e colher materiais destinados a um edifício público — um tribunal, segundo me informam, que será provavelmente semelhante ao matadouro com que já se orgulha! Que lástima! Se alguma entidade há que possa impedir o sacrilégio, acuda breve a afastar esta vergonha de Portugal!

arremeter ela própria. E não foi estranha aos primeiros lançamentos de trons contra os nossos.

Assistiu também, inquieta e fervilhante, às primeiras escaramuças, rejubilando logo que viu que, com uma seta, fora ferido Pêro Lourenço de Távora, um português do arraial. Era uma verdadeira virago, mais aguerrida que muitos dos seus camaradas castelhanos.

Durante nove dias houve tiroteio, sendo lançadas contra o arraial sessenta pedras de trons, ao que do lado português foi correspondido, não havendo grande dano de parte a parte.

Resolveu-se então El-Rei a mandar armar em cima da ponte da vila um engenho com que os sitiados arremessavam muitos projecteis que destruíram algumas casas e caramanchões de Melgaço.

Ao mesmo tempo mandou que nas imediações se cortasse madeira e se acarretassem materiais para se construírem duas escadas e uma *bastida*, formidável máquina de guerra sobre rodas de temeroso efeito contra as praças-fortes.

Descreve Fernão Lopes minuciosamente essa *bastida*, muito larga de roda a roda e de *padral* a *padral*; com os seus três sobrados madeirados de pontões, para serem guarnecidos de homens de armas; com estrados de mui grossos caniços, para se andar por cima; com escadas de alçapão e nos pontões superiores, três mil pedras de mão, que mandaram apanhar pelas regateiras. Havia também *trebolhas* cheias de vinagre, para evitar o fogo, e seis grandes caniços forrados de carqueja, assim como vinte e quatro couros verdes de boi, para guardar do fogo que viesse.

Era um rudimento do moderno tanque; era o precursor dessa máquina de guerra que nos campos da Bélgica está actualmente (2) a exercer a sua terrível acção devastadora.

Esta de D. João I, que levou quinze dias a construir, era mais modesta e de mais acanhados recursos. Mas o seu efeito, ainda antes de manobrar, foi eficaz, pois os de dentro, que assistiam, aterrados, à fabricação do aparatoso engenho, apressaram-se a pedir tréguas, propondo que João Fernandes Pacheco conferenciasse com Álvaro Pais. Por mandado de El-Rei chegou-se o Pacheco à barbacã, e de dentro, encostado ao muro, falou-lhe o comissário castelão. Longo espaço de tempo durou esta conversação entre os dois guerreiros arvorados em plenipotenciários. E, enquanto eles falavam, assediados e assediadores suspenderam as investidas, acudindo ao ânimo de uns (os mais pacíficos) esperanças de uma concordância; referendo no de outros (os mais belicosos) desejos impacientes de recomeçar a pugna. Destes, o mais irrepresível era o da *Arrenegada*, que ardia em sanha. Sabendo que os dois chefes não se tinham acordado, resolveu então provocar um combate singular, pois sabia que entre a gente do arraial se achava um contendor digno dela.

Era uma mulher daquela região, a quem chamavam *Inês Negra*.

(2) Este capítulo foi escrito em Melgaço no mês de Agosto de 1917.

Negra por apelido de família? Talvez!

David Negro se chamava o rabi de Castela que urdiu o enredo contra D. Leonor Teles. E Afonso Pires — o Negro — era o escudeiro de Nuno Álvares na véspera de Valverde.

Famílias com o nome de *Negrão* e *Negreiros* tem havido em Portugal, pertencendo à primeira, no século XVIII, o poeta da Arcádia *Almeno Sincero*.

Ou seria antes a nossa Inês negra, porque a sua pele, exageradamente trigueira, como a da *Sulamite do Cântico dos Cânticos (nigra sum sed formosa)*, contrastasse com a das suas conterrâneas, quase todas alvas, de olhos claros e cabelos alourados, revelando a origem celta das nobres raças?

A iconografia portuguesa é assaz pobre. E, se nos faltam retratos de tanta figura predominante, não é maravilha que a galeria das mulheres illustres careça de qualquer documentação acerca das feições da modesta mas valente portuguesa dos arredores de Melgaço.

Figuramo-la, porém, por artifício de imaginação, com encrespado cabelo da cor do seu apelido; olhos ígneos como o seu nome de Inês; a pele acastanhada, adusta e curtidada pelo mordente sol dos campos, na ceifa. Magra, musculosa e com farto buço a atapetar-lhe o lábio superior. Peito chato, como o das amazonas. Tipo levemente aciganado e plebeu, mas não destituído de encanto. E, no seu todo, o interesse que provoca sempre uma personalidade fortemente acentuada.

Visitando a casa onde, segundo a tradição, ela

INÊS NEGRA

CONTINUAÇÃO DA 7ª PÁG.

habitou depois da sua proeza — a Venda de Angelina (hoje um prédio modernizado) —, ou percorrendo as ruazinhas estreitas que descem até à porta de D. Afonso, encontrámos algumas moradoras ao soalheiro, que, por comparação retrospectiva, nos ajudaram a recompor uma efígie da Inês Negra, porventura sua remota parenta. Devia ser assim como a evocámos!

Quando lhe chegou aos ouvidos o desafio da *Arrenegada*, aceitou prazientemente o repto.

* * *

Entretanto, El-Rei enviara à Rainha recado para que viesse. Os engenhos estavam concluídos e quase aplanado o caminho pelo qual se devia fazer rodar a bastida e encostá-la às muralhas.

É possível que o mensageiro anunciasse também, no mosteiro de Fiães, onde D. Filipa se achava, o desafio entre as duas mulheres de Melgaço.

E isso seria certamente escutado com curiosa atenção pelo mundo feminino que rodeava a Rainha. Ávidas deviam estar por certo as suas damas e cuvilheiras de distrações e recreios, tão escassos naquela solidão.

E logo, entre o mulherio, quantos comentários sobre o projectado duelo! Nas velhas, altos escarceus e motivo para ralharem de tão descomposta escaramuça. Nas novas, grande jubilação com a expectativa de comoções.

Por isso, quando naquela manhã do princípio de Março a Rainha, com a sua Corte, se aprontou para descer de Fiães a Melgaço, eram agitadas as discussões acerca do projectado combate.

A Primavera anunciava-se prometedora. O ar gelado da manhã bafejava a pele do rosto das senhoras, que, ao montarem, se embuçavam friorentas nos seus mantéus e biocos.

Na descida, quase a pique, da íngreme ladeira, que durante uma hora percorreram, caminhando pelos carreiros do monte escaldado, algumas das boas donas iam só atentas ao perigo que oferecia o marchar hesitante dos cavalos sobre os pedregulhos das veredas agrestes.

E quando as facas em que iam montadas punham o pé com menos segurança, o que trazia a iminência de um tropeção, ouviam-se exclamações aflitas das mais timoratas, provocando risadas escarninhas entre as resolutas. Outras olhavam, maravilhadas, a paisagem deslumbrante, o panorama das extensas ondulações que formam o berço delicioso em que se espreguiça voluptuosamente o rio Minho.

Além, à esquerda, os montes de Pernidelo, em cuja verdura se aninhava o conventinho de Paderne. Mais ao largo, Monção, a terra de *Deu-la-Deu*. E, como a manhã era clara, lá muito ao longe quase se distinguia a nobre Valença. Para a direita, inferiormente, e já em terra estranha, as pequenas povoações galegas tão maneirinhas... que apetecia dá-las como brinquedo a uma criança!

A maior parte, porém, da comitiva só tinha olhos para a vila de Melgaço, ali em baixo, com a sua airosa torre quadrada, que uma coroa de ameias enfeitava, e para a povoação em redor dela, metida nas faixas das muralhas defensoras, prometendo um espectáculo atraente quando se rendesse, à força, como fêmea dominada pelo seu legítimo senhor.

Por de fora dessa muralha estendia-se, em arruamentos de tendas de campanha, o arraial português, sobressaindo a barraca elegante tomada em Aljubarrota aos Castelhanos e que já servira em Ponte de Mouro para firmar a aliança inglesa. E, informe, como um animal antediluvianio, destacava-se a medonha bastida, pronta a atacar.

A comitiva da Rainha continuava a sua marcha descende. O caminho agora começava a estreitar-se entre muros e sebes avivadas de silvados e plantas agrestes, e tão apertado que mal

cabiam, a dois de fundo, todos os do acampamento, sendo difícil a passagem quando, de frente, encontravam um boizinho barroso de hastes enormes ou as réguas de mulas que levavam provisões ao convento. Esse corredor serpenteante (quase escadaria) de mais de meia légua desembocava abruptamente em pleno acampamento. Neste, o Rei, que logo veio receber a Rainha, começou explicando o modo de arremeter e como se realizaria a escaramuça entre as duas mulheres.

Na Corte dos Valois, perto de três séculos depois, em plena Renascença, os combates singulares, antigo *judgamento de Deus*, tornaram-se solenidades quase festivas, que chegariam ao apogeu de brilho no célebre torneio em que Jarnac, o favorito da Duquesa d'Étampes, jarretou o pomposo Chataignerie, defensor de Diana Poitiers, na liça rutilante de St. Germain, sob os olhares do Rei, da nobreza e de todas as sumidades da França.

Aqui, porém, nesse final do século XIV e neste canto da Península, as escaramuças perante uma Corte mais guerreira que polida, mais autera que licenciosa, se não tinham o esplendor das



cerimónias teatrais que deslumbram, não eram menos importantes os seus resultados.

Pelo contrário. Na Corte de Henrique II digladiavam-se dois adversários para liquidarem uma intriga de alcova.

No arraial de D. João I batiam-se duas mulheres disputando a honra de dois exércitos empenhados em fixar a fronteira do Reino.

Nessa manhã de começo de Março, em que a *Arrenegada* saiu pelo postigo da fortaleza para vir defrontar-se com a sua competidora *Inês Negra*, todos, de um lado e outro, se dispuseram a presenciar o espectáculo desta pugna de nova espécie, a que deram foros de combate e que a crónica regista com a designação honrosa de *escaramuça entre duas mulheres bravas*. Bravas no sentido de valorosas e bravas na acepção de ferinas.

Os de dentro subiam aos parapeitos das cortinas e bastiões debruçando-se, curiosos. Os do arraial formavam círculo em volta das lutadoras, saudando com vozeria carinhosa *Inês Negra*, a portuguesa, e enchendo de vaias e apupos a desnaturada castelã.

As almas também têm sexo, como os corpos. Assim se aclaram, quando a natureza as troca, tantos casos inexplicáveis, tantas anomalias flagrantes — homens mulherengos, mulheres viragos.

Nos corpos destas duas moravam almas de lutadores valentes, herdadas talvez de seus avoengos, dos que em eras remotas haviam ajudado a expulsar da Península as raças invasoras.

Foi logo impetuoso o primeiro embate das justadoras. Com fúria, com sanha, com rancor, atiraram-se uma à outra, sem mais armas do que as unhas, com que reciprocamente rasgavam as carnes, e os dentes, com que se esfacelavam. Atropelando-se, arrancando os cabelos, afogando-se nos fortes braços nervosos, derrubando-se alternadamente na luta; ensanguentadas, esfarrapadas e rugindo como feras, prolongaram durante minutos a encarniçada peleja.

Davam mais a impressão de dois monstruosos animais enovelados em trapos, cabelos e sangue, que de duas mulheres humanamente construídas.

O drama começava a abalar o ânimo dos menos susceptíveis de sofrer comoções quando a *Arrenegada*, ou porque tivesse menos elasticidade nos músculos que a *Inês Negra*, ou porque o espírito dos que renegam crenças e opiniões é sempre menos resistente, entrou a fraquejar, saindo logo desfalecida.

Então Inês, que a suplantara, foi gloriosamente levada em triunfo e saudada com aclamações, ao som de trombetas e charmelas festivas.

Alguns escritores, seduzidos pela ideia de atribuir a este episódio o resultado da empresa, outros copiando aqueles (o que é pecha vulgar em quem não se dá grande trabalho nas investigações), afirmam ter sido decisiva para a entrega do castelo a pugna entre as duas mulheres.

Fantasia!

A verdade é que, se este duelo animou e excitou a coragem dos Portugueses, foi só daí a horas, na manhã de segunda-feira, 3 de Março, que a praça se rendeu, pela acção dos nossos guerreiros e poder dos engenhos.

Conta-o Fernão Lopes, fazendo-nos assistir ao movimento da bastida sobre as suas rodas avançando dezoito braças; depois, à escalada dos que «se chegavam tanto à Villa que punham um pé no muro, outro na escala», atirando-se, primeiro que todos, o Prior do Hospital.

A peleja foi feroz. Dez homens, no mais alto estrado, levavam pedras de mão, que arremessavam aos de dentro (como agora se arremessam granadas), enquanto outros se atiravam ao muro com grossos paus.

De cima choviam pedras e fachos incendiados de mistura com imprecações e insultos («desmesuradas palavras») que assanhavam o ânimo de D. João I.

Por isso, o Rei, assomado e iracundo, quando os de dentro, reconhecendo a própria inferioridade, pediam novamente tréguas, recusou qualquer avença e resolveu continuar o assédio à viva força.

Então, João Rodrigues de Sá, o *das Galés* — voz sensata —, alvitrou que era de boa política aceitar a capitulação. D. João I, brutalmente, retorquiu:

— «Quem medo houver, não vá na escala.»

Subiu uma onda de sangue às faces do guerreiro, que tinha ainda frescas as quinze cicatrizes de feridas que recebera quando foi do ataque das Galés na Ribeira de Lisboa. E, ressentido, respondeu:

— «Eu, Senhor, não sei se dizeis vós isso por mim, mas cuido que nunca me vós a mim por tal conhecesteis.»

E o Rei, caindo em si, pois que nele estes assomos de cólera eram logo dominados pela força calmante da razão, emendou:

— «Nem eu não o digo por vós. Mas digo-o porque os hei já por tomados.»

Dividiram-se ainda as opiniões. Uns queriam continuar o assalto, na esperança de farta presa. Outros seguiam o alvitre razoável do ponderado Sá, com o qual o Rei concordou, afinal, enviando o Prior do Hospital a aceitar a pretesia e estipular as condições.

Foram todas aceites. Não só entregariam a vila e castelo a El-Rei, mas obrigavam-se a sair da fortaleza *em gibões sem outra coisa...*

Assim foi. No dia seguinte, o rapazio foi apañar feixes de varas verdes, e cada um dos que pela porta do castelo ia saindo era, por escárnio, obrigado a empunhar um desses ramos.

Alguns mordiam-se de raiva pela humilhação imposta.

Houve até um escudeiro fidalgo que, ficando os joelhos em terra, pediu a El-Rei que lhe entregasse as suas armas e lhe poupasse a desonra, ao que D. João I galhardamente acedeu.

Outros, contudo, com riso forçado e levemente alvar, como gracejando, tomavam o expediente «por sabor» de dizer aos garotos que lhes

INÊS NEGRA

CONTINUAÇÃO DA 8ª PÁG.

davam as hastes verdes: — «Ai, rogo-te ora que me dês uma bem direita e boa.»

Não ficou nenhum! Quando, na quinta-feira seguinte, depois de cinquenta e três dias de assalto, o castelo e a vila de Melgaço foram entregues a João Rodrigues de Sá, para governar; e quando El-Rei e a Rainha retiravam festivamente com a sua comitiva em direitura a Monção, do alto da muralha, que olha para noroeste, um vulto de mulher (segundo reza a tradição local), empunhando a bandeira gloriosa das quinças, agitava com ufania esse perdão redentor.

Era *Inês Negra*, a batalhadora, imagem simbólica das energias femininas, proclamando assim a vitória que consolidava de vez a fronteira no extremo norte de Portugal.

Se Aljubarrota tem a ilustrá-la pitorescamente Brites de Almeida, a denodada padeira, e a sua lendária proeza, não é menos digno de registo, no livro de ouro da epopeia joanina, entre as lutas pela independência, o feito autêntico e mais significativo de *Inês Negra*, a heroína de Melgaço.

CAPÍTULO CXXXIII — (Como o Rei foi cercar Melgaço)

Voltando ao Rei, que ficou em Braga, bastante cansado da guerra que travava, não obstante o tempo de Inverno, não deu, contudo, vagares ao seu trabalho; e decidiu ir sobre Melgaço, cinco léguas acima de Tui e a meia légua do rio Minho, vila cercada sem subúrbios, de bom muro e forte castelo, do senhorio do seu Reino, que os inimigos lhe tinham tomado.

Era no mês de Janeiro, quando o Rei chegou a este lugar com a sua hoste, na qual ia o Prior do Hospital e João Fernandes Pacheco e outros capitães e senhores; e seriam ao todo umas mil e quinhentas lanças e muita gente a pé. E os que estavam dentro para defesa do lugar eram Álvaro Pais de Souto Maior e Diogo Preto Exemeno, e na sua companhia cerca de trezentos homens de armas e muitos outros peões escudados.

E logo que o Rei chegou, foram armadas as tendas e asentado o acampamento, não, porém, longe da vila.

E sem mais demora, começaram de dentro a disparar os trons (1) e a pelejar com os de fora; não houve, porém, qualquer dano, de uma nem de outra parte, nem sequer com as pedras que lançaram.

No dia seguinte, voltaram a pelejar, e deram uma setada a Pêro Lourenço de Távora; e da vila morreram alguns e outros ficaram feridos. E, embora nesse dia lançassem novas pedras de trons aos do acampamento, não lhes causaram grande dano. E nos dois dias seguintes lançaram vinte pedras, sem qualquer outra escaramuça (2), que também não fizeram estragos. E na sexta-feira não dispararam trons, mas houve uma escaramuça em que mataram um do acampamento e ficaram feridos muitos de uma e outra parte. E no sábado lançaram três trons, e um de noite, não fazendo qualquer mal. No domingo houve uma escaramuça entre os da vila e os de D. Pedro de Castro e mataram, dos de D. Pedro, um homem de armas e dois peões, e outros, num total de seis; dos da vila, porém, ficaram alguns feridos e nenhum morto. Nos dois dias seguintes lançaram oito trons, que não fizeram qualquer dano.

CAPÍTULO CXXXIV — (Da bastida (3) e escadas que El Rei mandou fazer)

Havendo nove dias que o Rei permanecia neste lugar, tendo os da vila lançado já sessenta pedras de trons, que não fizeram, contudo, grande dano, mandou o Rei armar um engenho acima da ponte de vila. E logo nessa quarta-feira lançou cinco pedras, três das quais foram dentro do lugar e duas deram no muro. E responderam-lhe os de dentro com doze pedras de trons que nenhum prejuízo causaram. Na quinta-feira, lançou o engenho vinte e cinco pedras, dezasseis das quais deram no muro e duas em dois caramanchões (4) que logo foram derribados; e as outras nove caíram dentro da vila, provocando grande prejuízo em casas que destruíram. Entretanto, não cessavam de derrubar e acarretar madeira, que o Rei mandava trazer para fazer duas escadas e uma bastida, para levar tudo juntamente e pousar sobre o muro. E logo que ficou preparada, fizeram as rodas do carro para a bastida, em que havia, de espessura,

dois palmos, e de largura de roda a roda do carro, treze côvados (5), e de comprimento, de padial, que ia por cima delas, havia vinte e seis côvados, e de altura, desde onde se começava por cima dos carros, havia treze braças (6) e meia. E nela havia três sobrados para irem os homens d'arma e besteiros (7), juntos ou separados, conforme conviesse.

O primeiro sobrado ia madeirado com pontões bem grossos e bastos caniços para andarem por cima dele, e havia ao redor cento e trinta e seis pontões; e a parte de trás ficava aberta, na qual iam escadas de alçapão onde haviam de subir. E assim, também o segundo sobrado, que tinha ao redor cento e vinte e quatro pontões; e o terceiro, cento e trinta escadas de alçapão de um ao outro. E em cima deste sobrado, outro pequeno, com cento e vinte e oito meios pontões ao redor, em que iam três mil pedras de mão, que mandaram apanhar às regateiras. E no segundo, quinze trebolhas grandes, cheias de vinagre para deitar ao fogo, caso lho lançassem. E esta bastida levava diante seis caniços forrados de carqueja, e vinte e três coiros de boi verdes pregados nela, para os defender do fogo e dos trons. Além disso, mandou fazer duas escadas, cada uma das quais levava quatro rodas e os eixos de ferro bem grossas, e sobre elas seis travessas altas como esteiros, acompanhadas de outros paus para se sustentarem, não todas da mesma altura, como convinha. E em cada uma delas, duas polés (8) de guindar, que guindavam doze cordas grossas de linho cânave, e três do badouras detrás para guindarem e duas grandes cordas fortes como de naus. E cada escada ia pregada de táboas grossas sobre quatro paus compridos como pontões, que tinham de comprimento de quarenta e oito côvados e de largura nove, e cinquenta degraus de meios pontões e caniços e coiros de vaca verdes nos lugares que lhes competiam, para cada um ir na bastida no seu lugar. E tudo isto foi feito em quinze dias, sem deixarem, entretanto, de fazer caminhos e calçadas por onde haviam de ir a bastida e as escadas.

CAPÍTULO CXXXV — (Como o Rei recuperou a vila por preitesia (9)) — Enquanto se faziam estas obras, não cessavam os da vila de lançar trons para o acampamento, e do acampamento à vila, pedras de engenho. E vendo os do lugar aqueles artificios feitos e receando receber deles dano mandaram dizer a João Fernandes Pacheco que lhes fosse falar. E o Rei mandou-o lá, e chegou à barbacã (10), e Álvaro Pais ao muro, e falaram longamente, mas não se puseram de acordo. E nesse dia pelejaram duas bravas mulheres, uma da vila e outra do acampamento, e andaram ambas aos cabelos, e venceu a do acampamento. E desde então, todos os dias disparavam os trons e o engenho uns aos outros, e o engenho fazia muito mal na vila, e os trons não faziam mal nenhum. Entretanto, chegou a Rainha a Monção, que fica a três léguas de Melgaço, e vinham com ela o Dr. João das Regras e João Afonso de Santarém e outros cavaleiros. E depois veio a Rainha para o mosteiro de Fiães, a uma légua de Melgaço.

E chegou também ao acampamento o Conde Dom Gonçalo e João Roiz Pereira, e lutaram os do Conde com os da vila, e houve feridos de ambas as partes e nenhum morto. E chegou ao Rei recado que a vila de Salvaterra, que lhe dera Dom Pedro, a dera um tabelião e dois homens d'armas a Pai Sorôdea. O Rei mandou logo lá o Prior com muita gente, mas não conseguiram nada.

E querendo o Rei mandar avançar os seus artificios para combater o lugar, fez saber à Rainha que viesse ver o dia do combate. E ela veio, então, ali.

E numa segunda-feira, depois de comer, no dia três do mês de Março, mandou o Rei que abalasse a bastida com os seus preparos sobre a vila, como tinham combinado; e avançou com muita gente; não obstante, andou bem umas dezoito braças; daí avançou uma ala, depois a outra, e ficaram ambas frente ao muro, afastada uma da outra. E dispararam sete trons, que lhe não causaram qualquer dano. E depois avançaram novamente, e foi com muita força; e chegou-se tanto à vila que punham um pé em cima do muro e outro na escada. Subiu muita gente, e o prior primeiro que todos, e o Rei mandou que a retirassem. Então preparou-se para mandar combater e ordenou a dez homens d'armas que subissem para o sobrado mais alto, onde iam as pedras de mão. E avançou tudo juntamente: as escadas para pousar e a bastida em que iam os homens d'armas e besteiros. E da bastida saíam homens com grossos paus que encostavam

ao muro, e puseram muitos, e ficavam em baixo amparados. E, embora de cima lhes lançassem pedras e fogo, não lhes faziam nenhum mal. E tiravam do fundo alguns cantos além de outras pedras, de modo que os de cima reconheceram entre si não havia nenhum acordo, embora se esforçassem por se defender. E fizeram-no saber ao Rei, para que lhes mandasse falar; e foi lá o Prior e falou com eles. E o Rei não queria consentir em nenhum acordo, coisa que aos outros lugares concedia de boa mente quando lho propunham, mas sim tomá-los à força para se vingar de algumas palavras desmedidas que contra ele por vezes diziam. E acerca disto discutiam se o fariam ou não. João Roiz de Sá disse que era bom fazê-lo, pois lhe prestavam vassalagem; de outra forma, tomando-os pela força, podiam matar-lhe uma tão importante pessoa que ele de forma alguma queeria a troco de quantos no lugar jaziam. E o Rei, com queixume, disse:

— Quem tiver medo não vá na escada.

— Eu, Senhor — disse João Roiz de Sá — não sei se dizeis isso por mim; mas cuido que nunca vós como tal me conhecestes.

— Nem eu — disse o Rei — não o digo por vós, mas digo o por que vos tenho já por tomados.

Os que desejavam roubar, dentre a gente miúda e média, queriam que o Rei o tomasse pela força; e muitos outros concordavam com João Roiz. E por fim, o Rei, consentiu na preitesia, e voltou lá o Prior; a qual (preitesia), deixando de lado muitas outras razões que não há necessidade de escrever, foi desta forma. Que dessem a vila e o castelo ao Rei, e que saíssem em gibões (11), sem outra coisa, havendo já cinquenta e três dias que o Rei jazia sobre ele, e tendo sido lançados da vila sobre o acampamento cento e vinte e três pedras de trons, que nenhum prejuízo causaram, e do acampamento sobre a vila, trezentas e trinta e seis, que danificaram grande parte dela. E preiteada desta forma, correu pelo acampamento a fama de que todos haviam de sair em gibões, com varas por senhas nas mãos. E todos os cachopos, sem receberem nenhum mandado, apanharam varas, cada um o seu feixe, e tinham-nas postas à porta da vila por onde haviam de sair.

Entretanto, saíu um mancebo, com pouco mais de vinte anos, e chegou onde o Rei estava; e, prostrados os joelhos diante dele, disse desta maneira:

— Senhor! Eu sou escudeiro fidalgo, que vim a este lugar ao serviço de El Rei meu Senhor, de quem sou vassallo; e, por desventura minha, sendo estas as primeiras armas que eu tomei para o servir, parece-me forçoso que as perca, segundo a preitesia que ouço dizer que entre vós e os da vila tendes concertada, que é coisa que me dá uma tristeza tamanha que tão grande não pode haver. E não pela perda das armas, pois não é tão grande o seu valor, mas porque me parece que já não poderia com outras esperar qualquer sucesso, se estas desta forma perdesse! Por isso, Senhor, peço-vos, por mercê, que mas mandeis dar, de modo que com elas eu ainda venha a prestar-vos um grande serviço, defendendo a honra do rei e a minha lealdade, de tal maneira que ainda as hajais por bem empregadas!

O Rei disse que lhe prazia muito, e que mandava que lhas dessem, se encontradas fossem, ou outras que ele escolhesse, e assim fez. E no dia seguinte, uma segunda-feira, foram todos lançados fora daquela forma. E os cachopos metiam-lhes senhas nas mãos, e eles tomavam-nas; e diziam alguns com saberosa ironia ao que lha dava: "Ai, rogo-te agora que ma dê direita e boa!" E assim se foram, não ficando nenhum, e o Prior em sua guarda, não obstante os pregões e a defesa do Rei que anadava pelo acampamento. Na quinta-feira, a vila e o castelo foram entregues a João Roiz de Sá, a quem o Rei a deu. E ele voltou com a Senhora Rainha para a vila de Monção, que, como dissemos, distava dali três léguas.

NOTAS:

(1) *Trom*: boca-de-fogo rudimentar, constituída de um tubo de madeira rija ou ferro forjado, reforçado externamente por barras de ferro dispostas com aduelas e apertadas por cintos de ferro.

(2) *Escaramuça*: briga, combate pouco importante.

(3) *Bastida*: antiga torre sobre rodas, usada para assaltos a fortalezas.

(4) *Caramanchão*: construção ligeira, espécie de pavilhão de ripas, canas ou estacas.

(5) *Côvado*: antiga unidade de medida de comprimento equivalente a três palmos, ou seja, 0,66m.

(6) *Braça*: antiga unidade de medida de comprimento equivalente a 10 palmos.

(7) *Besteiros*: soldado armado de besta (arma antiga, formada de arco, cabo e corda, com que se disparavam pelouros ou setas).

(8) *Polé*: antigo instrumento de tortura.

(9) *Preitesia*: apreito, sujeição, vassalagem.

(10) *Barbacã*: muro exterior da fozela.

(11) *Gibão*: vestidura antiga, que cobria os homens desde o pescoço até à cintura.

ALICE AUGUSTA COLMEIRO**Agradecimento**

Sua Família, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à última morada e lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.

Lucinda Firmina Domingues Caldas**AGRADECIMENTO**

A Família de Lucinda Firmina Domingues Caldas, que foi do Lugar da Nogueira - Paderne, profundamente reconhecida, agradece a todas as pessoas que por qualquer meio, se dignaram associar-se à sua dor por ocasião do falecimento da saudosa extinta ou participaram nos sufrágios por ela celebrados.

VENDE-SE

Casa de morada com campos, montes, canastro e adegas, sita no lugar de Suengas — Chaviães — em óptimo estado.

Trata

Anibal J. Pereira

Telef. 9951966 — Leça da Palmeira

CASA DE MORADIA E TERRENOS**VENDE-SE EM ROUÇAS**

No lugar de Crasto, mesmo junto à estrada, casa ainda nova, terrenos de cultivo com muita vinha e muita água.

Trata: António Fernandes

Presidente da Junta de Rouças

Stand Auto Lourenço

Fonte da Vila — Melgaço — Telef. 43143

PNEUS, ÓLEOS, LUBRIFICANTES, BATERIAS, ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES, EQUILIBRAGEM DE RODAS E AFINAÇÕES.

AUTOMÓVEIS E COMERCIAIS
TOYOTA

Agente Oficial

BEATRIZ AUGUSTA RIBEIRO LIMA

**AGENTE
DISTRIBUIDORA
DOS VINHOS DO
PORTO**

AV. Dr. António Durães
4960 - Melgaço
Telefones: 42302 - 43113

**CONSTRUÇÕES DE:****JOÃO DA COSTA PEREIRA DE MACEDO****COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES**

- * Vivendas e Apartamentos
- * Escritórios - Estab. Comerciais
- * Quinta - Lotes para construção
- * Venda e aluguer de armazens

CONTACTE**ESCRITÓRIO:**

Av. da Liberdade, 498-1º Esq.
4700 BRAGA - Telef. 26535 - 77318

RESIDÊNCIA:

PRADO - 4730 - VILA VERDE
Telef. 921319

AGRADECIMENTO

DEOLINDA DOMINGUES

Sua família na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada e lhe manifestaram o seu pesar, vem fazê-lo por este único meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária

A Família

MELGACENSE, NATURAL DE CASTRO, COMPROU O HOTEL TURISMO EM BRAGA

A boa notícia foi acolhida com satisfação por quantos gostam de ver o triunfo do trabalho honesto e inteligente de um homem e de um casal. Um melgacense, natural do Rodeiro, em Castro Laboreiro, acaba de comprar o Hotel Turismo, em Braga, pela quantia de 670 mil contos.

Chama-se Maquel Rodrigues, tem 57 anos, é casado com D. Josiana, Francesa, e tem duas filhas que foram as que os arrastaram para Portugal.

No próximo número apresentaremos reportagem circunstanciada sobre a vida deste melgacense que bem pode ser exemplo para muitos.

Parabéns, sr. Rodrigues e D. Josiana, pela simplicidade e acolhimento do seu trato, pois conseguem superar em valor moral a fortuna material.

OS NOSSOS AMIGOS

Este número está sobrecarregado de material para publicação e por isso não é possível inserir os nomes dos que pagaram ultimamente, quer em Melgaço quer em Braga. Apesar de sairmos mais uma vez com 12 páginas, o espaço não chega. Pedimos compreensão e um bocado de paciência. Acreditem que damos tudo quanto podemos e até mais do que podemos, sacrificando, por vezes, afazeres urgentes e bem mais rentáveis economicamente.

Entretanto é sempre bom lembrar que estamos no princípio do ano e que seria uma óptima colaboração se todos fossem pagando directamente e a tempo e horas a sua assinatura.

Há seis séculos conquistamos o Castelo ao domínio de Espanha. Hoje temos que conquistar outros castelos, isto é, temos que dar mais colaboração e ajuda para fazer viver e crescer o único jornal da terra, o mensageiro e cartão de visitas quinzenal da maioria das famílias melgacenses.

Vamos ser mais amigos ainda ajudando-nos com aquilo que todos podemos fazer, evitando gastos inúteis de tempo e de dinheiro? Poderemos conseguir isso se soubermos cumprir as nossas obrigações com civismo e baírrismo.

Adiante, amigos!

V E N D A

DE CASA COM CAMPOS E ADEGA NA
CORREDOURA — PRADO

TRATAR COM : GERMANO CARABEL
S. JULIÃO — MELGAÇO

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO**SOLICITADOR**

Largo Hermenegildo
Solheiro

MELGAÇO

BENTO GOMES

**Materiais de
Construção Civil**

Telefone: 4 21 13

4960 MELGAÇO

Dr. Paulo Malheiro
ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto.

— 2700 Amadora

Telef. 4940478

DR. LEITE D'ALMEIDA

**DOENÇAS DOS OLHOS
CIRURGIA - LENTES DE CONTACTO**

CAMPO DA VINHA, 23 - 2ª

TEL. 71477 - BRAGA

RUA DE CEUTA, 60 - 3ª

TEL. 24288 - PORTO

**AGÊNCIA IMOBILIÁRIA**

de - HEITOR D. CAMPOS AMOEDO

MEDIADOR OFICIAL DE IMÓVEIS

Para uma justa avaliação das suas propriedades

COMPRAR - VENDER

ALUGAR OU ARRENDAR - COMERCIAL OU HABITAÇÃO

PREDIMONÇÃO: Rua General P. de Castro-20

Telef: 52872 ————— 4950 MONÇÃO

DE CHAVIÃES

CONTINUAÇÃO DA 3ª PÁG

Melo, sua mãe de nome Felícia de Sousa Campos, natural dos Arcos de Valdevez, no estado de viúva, e com 94 anos de idade, na manhã do dia 13 do corrente. O funeral da extinta realizou-se pelas 3 horas da tarde, para a igreja paroquial, onde teve missa de corpo presente, para depois ir a enterrar em campa de família no cemitério desta freguesia. Paz para a sua alma e os nosso sentimentos para toda a sua família.

pedimos a Deus o seu eterno descansando, jazendo os seus restos mortais em campa de família no cemitério desta paróquia. O caixão foi coberto pela bandeira Nacional e a escolta do cadáver foi feita por praças da corporação, assim como a guarda de honra prostrada à entrada do cemitério, que na altura própria disparou os 24 tiros da praxe. — A morte inesperada deste nosso querido amigo, foi muito sentida quer na freguesia da sua naturalidade quer nesta freguesia e por todas as pessoas que em vida com ele privaram. Assim o demonstrou o grande acompanhamento até à sua última morada. Foi um exemplar chefe de família e soube prestigiar a corporação a que pertenceu e granjeou a simpatia dos seus superiores e dos seus subordinados, razão por que nos deixou saudades.

A sua inconsolável esposa, filhos e demais família, em profunda dor e luto, apresentamos por este meio as nossas mais sentidas condolências.

António Luiz Reinales

DE PADERNE

Festa do Emigrante

No dia 7 do corrente a Cabine Sonora Paroquial, esteve muito animada, desde muito cedo e durante todo o dia. Também estalou bastante fogo de artifício que animava a festa do Emigrante que se realizava no dia 9.

A referida festa constou de Missa e pregação que muito agradou. A igreja encontrava-se repleta de fieis. As famílias, os amigos e demais pessoas, aproveitaram esse dia para pedir ao Senhor a saúde e a boa sorte desses nossos irmãos que por toda essa Europa procuram o pão para si e para os seus.

Emigrantes, vós não estais sós, por isso não esqueçais as vossas famílias, a vossa Pátria, e os vossos amigos.

Festa dos Santos Mártires de Marrocos

Foi no dia 16 do corrente que se realizou a festa dos Santos Mártires que constou de sermão, Missa e pregação e finda esta o tradicional beijar as Santas Relíquias. Música pela cabine sonora paroquial.

Necrologia

Faleceu no dia 22 do mês findo no lugar de Crastos a senhora Palmira Martins, solteira de 84 anos de idade. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

A toda a família em luto os nossos sentimentos.

No dia 23 no lugar de Longarilha, faleceu o Senhor Nicolau Augusto Fernandes, viúvo, de 79 anos de idade. O referido finado era muito estimado no meio em que vivia. O seu funeral teve lugar no dia seguinte para o cemitério local.

A toda a família enlutada os nossos sentimentos.

E no dia 26, no lugar do Barral faleceu a Senhora Lucinda Fernandes Domingues, viúva de 87 anos de idade. O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi prova evidente de quanto era estimada no meio em que vivia.

E ainda no dia 26 no lugar da Longarilha, faleceu a senhora Maria Nair Araújo, casada, de 82 anos de idade. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local.

A todas as pessoas em luto os nossos sentimentos
D.S.

CENTENÁRIO DE "O MELGACENSE"

- A Imprensa registou o facto com grande desenvolvimento
- Ecos no Brasil
- Execução da gemação Melgaço portuguesa, Melgaço brasileiro

COMEMORADO O CENTENÁRIO DE "O MELGACENSE"

Por iniciativa do velho Amigo Pe. Júlio Vaz, director do colega e vizinho "A VOZ DE MELGAÇO", e com a colaboração da Câmara Municipal de Melgaço e Região de Turismo do Alto Minho foi comemorado no dia 5 de Novembro o 1º centenário de "O MELGACENSE", o primeiro jornal que se publicou naquela Vila e o segundo mais antigo no distrito, já que o mais velho é A AURORA DO LIMA, de Viana do Castelo.

Presentes às cerimónias quase todos os jornais do Distrito bem como representantes da Imprensa Diária. Estas começaram com um colóquio no Salão nobre dos Paços do Concelho, a que presidiu o sr. António Rui Solheiro, presidente da Edilidade, que saudou todos os presentes e disse da oportunidade da celebração do centenário de "O Melgacense" como uma realidade, cultural e histórica.

Em seguida o sr. Pe. Júlio Vaz narrou as dificuldades que teve para encontrar os primeiros exemplares do jornal, tendo feito a sua história, ficando nós a saber que "O Melgacense" nasceu no Brasil, graças a um pequeno número de melgacenses radicados no estado do Pará, em 6 de Novembro de 1887. é recapitulou as diversas fases que atravessou, com várias suspensões de publicidade devido à política da época a que os seus vários responsáveis aderiram.

Seguiu-se o Sr. Dr. Domingos da Cunha Gonçalves, descendente de melgacenses radicados no Pará, que entregou uma edição especial do jornal A PROVÍNCIA DO PARÁ, no qual ele escreve semanalmente uma coluna com notícias de Portugal, edição esta que aborda vários municípios portugueses, entre os quais o de Melgaço.

CONTINUA NA PÁG. 12

DIRECÇÃO DISTRICTAL DE FINANÇAS DE VIANA DO CASTELO 2º Serviço - Serviço de Fiscalização Tributatória

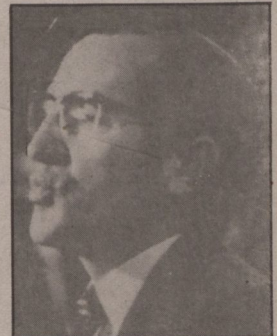
CALENDÁRIO DAS ACÇÕES DE (IN) FORMAÇÃO
a levar a efeito junto dos operadores económicos deste distrito
no 1º trimestre de 1989
na
SALA DE FORMAÇÃO DA DIRECÇÃO DISTRICTAL DE FINANÇAS
Centro Comercial - Praça General Barbosa
VIANA DO CASTELO

Dias 02, 09 e 23 de Fevereiro — Com início às 9h. e 30m.
Dias 02, 09, 23 e 30 de Março — Com início às 9h. e 30m.

NOTA: - A HORA DE ENCERRAMENTO DAS SESSÕES FICA DEPENDENTE DO INTERESSE DOS PARTICIPANTES, SEM EXCEDER, CONTUDO, AS 17H. E 30M.

& O FIGURÃO

ANTÓNIO RAMALHO EANES não esgotou, afinal, em nos espantar pela sua capacidade pela dureza mental que o caracteriza e que, como certas rochas, está cheia de buracinhos e de buracões, onde se acoitam animalijos repugnantes. Depois da aventura burlesca do PRD na Travessa do Fala-Só, seria natural que Eanes se retirasse, finalmente, para o jardim da Madre de Deus ou para a horta de Alcains. Mas não. O felizmente ex-presidente da república



mandou uma mensagem para Bona, onde se reunia uma coisa chamada "Conferência Europeia sobre a Agressão Sul-africana" e fê-lo em termos reveladores tanto de ignorância do tema como de perfeito sincronismo com a linguagem usada por qualquer comuna de baixa extracção. Para cúmulo, confiou o encargo de ser portador e leitor da mensagem a um sinistro careca, de nome Rosa Coutinho. Não podia ter escrito pior, mas não podia ter escolhido melhor enviado especial. Que gente incrível!

"Diabo" de 13-XII-88"

PAÇOS

Visitante ilustre

Quando por ocasião do Natal tivemos o prazer da visita do nosso ilustre Amigo de Jesus que veio passar uns dias de férias junto da sua família, no lugar do Esporão.

Este nosso amigo que teve a gentileza de nos oferecer uma lembrança foi transferido do Funchal, para o B.I.R.T. da Trafaria, onde presta serviço com o posto de Sargento-Mor. Ao nosso prezado amigo, desejamos-lhe muitas felicidades no desempenho das suas novas funções e que se não esqueça de nos visitar mais amiúde.

Falecimento

Na sua residência no lugar de Sá, faleceu há dias o senhor Abílio José Gomes, viúvo, de 87 anos de idade, também conhecido por (Abílio Calças). O seu funeral realizou-se para o cemitério local. As nossas condolências à família enlutada.

Obras na Igreja

Estão a arrancar as obras de reparação da Igreja Paroquial porque pelos vistos esta reparação era urgente pelo motivo da sua conservação assim o desejamos. Agora se houver alguém que queira ajudar a esta obra que é de todos é só contactar a comissão Fabriqueira. E por hoje é tudo.

C.

CRISTÓVAL

Falecimento

Na residência de seu filho no lugar das Arroteias, faleceu, há dias, o senhor António Costa, viúvo de sententa e tal anos de idade.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento para a Igreja onde teve missa de corpo presente com ofícios e daqui para o cemitério local, onde os seus restos mortais foram a sepultar em jazigo de família.

A todos os seus familiares em nosso nome pessoal, e em nome de "A Voz de Melgaço" apresentamos as nossas sinceras condolências.

O Tempo e a Agricultura

No Janeiro sobre aquele Outeiro: se vires verdejar, põe-te a chorar, se vires tropejar põe-te a cantar.

Pois é verdade, este Janeiro tem chegado para nós, são geadas umas em cima das outras, pelo que os animais irão passar muita fome. Os lavradores queiram-se de que não há ervas e que os palheiros este ano estão pobres. Vamos ver se o Fevereiro entrará melhor.
Deus queira.

C.

DR. RUI TAXA ARAÚJO

— CONSULTAS —

2ª 3ª 5ª 6ª

DAS 9.00H. às 12.00 Horas

— CONSULTÓRIO E RESIDÊNCIA

NA RUA DO CINEMA - 1º DTO.

Tel. 42914 — MELGAÇO

DOMICÍLIO A QUALQUER HORA

DR. JOÃO GASPAR

— CONSULTAS —

Todas as Tardes

Das 14.00 H. às 18.00 Horas

Trav. Dr. António Durães

(Junto à E.D.P.) — 2º Andar

Telef. 42997

EM QUALQUER LUGAR

CENTENÁRIO DE "O MELGACENSE"

—CONTINUAÇÃO DA 11ª PÁG.

Depois o Engº Manuel Luís Laranjo dissertou sobre as possibilidades de reconversão da lavoura regional, pois tal como está a processar-se jamais sairá da miséria em que se encontra.

Falaram ainda o Dr. Carlos Branco, sobre Economia, e o Dr. Francisco Sampaio, presidente da Região de Turismo do Alto Minho, que disse das potencialidades desta região e do pouco carinho que tem recebido das esferas superiores, mas que, se todos quiserem, poderá transformar-se a curto prazo numa zona fortemente vocacionada para o Turismo.

Encerrou a sessão o presidente da Câmara que agradeceu a presença dos jornalistas presentes elogiando os seus esforços para a manutenção dos seus jornais, que na época presente vivem com as maiores dificuldades, pedindo-lhes que nos seus órgãos de informação procurassem transmitir o que naquela sessão se passou, com vista ao maior desenvolvimento de Melgaço, o concheiro mais ao Norte de Portugal, onde o País começa, com potencialidades que é preciso explorar e que os poderes públicos tanto esquecem.

Seguiu-se um almoço de confraternização numa pensão da estância Termal do Peso, no fim do qual o nosso velho amigo e colaborador Sr. Pe. Manuel António Bernardo — também um dos mais antigos colaboradores de A VOZ DE MELGAÇO — historiou em curtas frases os monumentos de Paderne, Fiães e da Orada, que a seguir iam ser visitados pelos jornalistas presentes.

Ao "espumante" o Sr. Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz, sub-director de A VOZ DE MELGAÇO, saudou todos os presentes — jornalistas, membros das Juntas de Melgaço, seus colaboradores e entidades que os honraram com a sua presença.

Num autocarro da C.M. de Melgaço os jornalistas foram até ao Convento de Paderne, onde foram recebidos pelo pároco Sr. Pe. José Alberto de Sousa, que fez uma breve exposição do monumento, o mesmo acontecendo já em Fiães, com o pároco Pe. Manuel Lourenço, que ofereceu aos visitantes duas plaquetas com



Dr. Domingos da Cunha Gonçalves e esposa com outros participantes no Centenário de «O Melgacense»

subsídijs para a história de Fiães. E do alto da serra descemos para a Vila em cuja proximidade se encontra a Senhora da Orada, uma joia românica por excelência, que proporcionou ao director do jornal A PENEIRA, de Pontareias (Espanha), uma série de informações muito recentes sobre a leitura de sinais gráficos existentes em algumas pedras daquele templo religioso, tão estimado pelos melgacenses.

Já era noite e começou a debandada dos jornalistas, com promessa de novo encontro, em Março do próximo ano, por ocasião de uma efeméride que o município pretende solenizar com a presença de todos os jornalistas do Distrito de Viana do Castelo.

Da "Terra Minhota" de 20 de Dezembro

A EXECUÇÃO DE UMA PROPOSTA

O ilustre diplomata Dr. Domingos da Cunha Gonçalves, adido à Embaixada do Brasil, em Lisboa, quando da celebração do I Centenário de "O Melgacense" saudou a terra dos seus antepassados, e trouxe-nos a notícia de que no Pará havia uma cidade denominada Melgaço. E desta oportuna comunicação surgiu a ideia da geminação da Vila de Melgaço com a cidade de Melgaço.

O Dr. Domingos incumbiu-se desta nobre missão, tendo a delicadeza de nos lo comunicar do Brasil em 21 de Dezembro de 1988 e desta forma:

Caríssimo Amigo Pe. Júlio

É já do Brasil que lhe agradeço toda a distinção que teve para com minha mulher e para comigo, aí em Melgaço. Na oportunidade envio votos de Boas Festas junto com a informação que no dia 2 de Janeiro sigo para o Pará e lá procurarei contacto com o Prefeito Municipal de Melgaço a quem mostrarei os jornais "A Voz de Melgaço".

Esta carinhosa atitude do Dr. Domingos Cunha em relação a Melgaço, de Portugal e do Brasil, e a forma como a melgacense D. Palmira de Jesus Domingues apreciou o acontecimento, levam-me a fazer um pedido a todos os melgacenses residentes no Brasil: **associem-se à celebração do VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço aos Castelhanos** com mensagens para a Câmara Municipal ou para "A Voz de Melgaço".

E que os Melgacenses, em encontro a efectuar na Casa do Minho do Rio de Janeiro no mês de Março, vivam esse facto histórico dos seus antepassados.

ACONTECIMENTO VISTO DO BRASIL

O primeiro centenário de "O Melgacense" foi acompanhado com muito interesse pelos Melgacenses residentes no estrangeiro.

Do Brasil em 13 de Dezembro, a nossa ilustre conterrânea e colaboradora D. Palmira de Jesus Domingues escreveu-nos nestes termos, com base na reportagem feita pela "A Voz de Melgaço": "Feliz na escolha feita das personalidades convidadas a dissertar na solenidade centenária de "O Melgacense". Não saber qual destacar. Interessante pesquisa sobre o "O Melgacense", conseguindo reminiscências tão elucidativas. O Dr. Nuno pôs em prática a democracia, convidando a participar as esquecidas freguesias, com a sua presença marcante.

Tudo o elenco da Comemoração Centenária de "O Melgacense" foi um alerta às riquezas não só distritais como nacionais, cintilando desde o nosso Melgaço.

Quanto haveria a dizer sobre o maravilhoso número de "A Voz de Melgaço" de 15 de Novembro de 1988, número relíquia de arquivo municipal e de todos os que o adquiriram. Esse acontecimento fez-me retroceder longos anos atrás (uns 42 anos), quando do Congresso Eucarístico realizado na vida de Melgaço pelo então Rev. mº Arcipreste Pe. Carlos Vaz. E vejo-o pela praça da Vila naquele afã no Reino do Senhor, solene liturgia que aqueceu tantas almas... E foi das minhas últimas visões belas, trazidas do meu país".

HONRA AO MÉRITO

CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁG.

designado para exercer em Comissão de Serviço, as funções de Assessor "C" com efeitos a partir de 1 de Outubro daquele ano; comissão de serviço esta que cessou a seu pedido em 1 de fevereiro do ano em curso.

Na Polícia Judiciária exerceu quase sempre funções na secção de homicídios, onde se distinguiu como investigador codicioso sendo de realçar as suas qualidades humanas e profissionais, reconhecidas por superiores, colegas e subordinados, prestigiando dessa forma a instituição que servia. Efectivamente já na qualidade de chefe de brigada soube inculcar nos seus subordinados o prazer de servirem a justiça, criando espírito de equipa e transmitindo-lhes ensinamentos preciosos que projectaram muitos deles na carreira de investigação.

Algumas das muitas investigações que estiveram a seu cargo tiveram larga projecção na opinião pública e revestiram-se de êxito assinalável. Dentre elas permitimo-nos destacar as seguintes:

— Identificação e captura dos perigosos cadastrados Manuel Alentejano, Luis da Conceição Aguiar, Manolo, Triste, Pitosga e Shenando, autores de um crime de homicídio na pessoa de um guarda da P.S.P. na Av. da República em Lisboa;

— Identificação e captura do Zé da Tarada, Isidro, Dédé, Dragão e outros, autores de crimes de homicídio nas pessoas de um guarda da P.S.P., um guarda nocturno, um motorista em Pombal, um dono de uma pensão e ainda na prática de cerca de 40 roubos e assaltos à mão armada e 12 violações.

— Identificação e captura dos elementos de uma quadrilha responsável pela prática de um crime de homicídio na pessoa de um guarda da P.S.P. em Benfica;

— Identificação e captura dos elementos de uma quadrilha responsáveis pela prática de um crime de homicídio na pessoa de um taxista em Carnaxide;

— Identificação e prisão dos autores do crime de homicídio na pessoa de um guarda nocturno e de um taxista;

— Identificação e captura dos elementos do grupo responsável pela autoria do crime de roubo com homicídio na pessoa de um prospector bancário em Caneças.

— Identificação e consequente prisão de vários indivíduos pertencentes às auto-denominadas FP/25 de Abril, autores de crimes de homicídio na pessoa de um guarda da P.S.P. e do Plácido da Marinha Grande.

— Esclarecimento do atentado ao Embaixador de Israel e de que resultaram ferimentos neste e a morte de um guarda da P.S.P.

— No decorrer destas duas últimas investigações foi possível esclarecer vários assaltos a bancos cometidos pelas FP/25 e ainda a apreensão de 52 espingardas automáticas G3, 28 mecanismos de disparo, uma pistola metralhadora FBP, uma carabina Walther e uma espingarda Kalashnikov.

Em resumo pode dizer-se que

desde 1984 a brigada que chefiou na Direcção de Lisboa, recebeu cerca de 141 processos de crime de homicídio, cometidos por incertos, 22 processos relativos a envenenamento e muitos outros relativos a crimes praticados contra a vida e integridade física das pessoas, tendo as investigações sido positivas, levando à identificação e captura dos autores dos crimes em cerca de 85% dos casos averiguados.

É indubitável que esta actividade investigativa se traduziu em serviços relevantes à Polícia Judiciária, que muito a prestigiaram e contribuíram para a sua projecção aquém e além fronteiras.

Aliás as qualidades humanas e profissionais do Subinspector Manuel Fernandes de Sousa estão bem patentes nas classificações de serviço que lhe foram atribuídas ao longo da sua carreira. De facto apenas foi classificado de bom com distinção em 1962; a partir daí foi sempre classificado de Muito Bom (anos de 1965, 1971, 1975, 1982 e 1985), tendo atingido a média máxima possível em 1985. Nunca foi punido revelando sempre um comportamento a todos os títulos exemplar. Foi gratificado 7 vezes por proposta do Conselho de Polícia e louvado em 10 de Abril de 1967 por este mesmo Conselho e em 18 de Janeiro de 1988 por Sua Excelência o Alto Comissário da Alta Autoridade Contra a Corrupção, conforme despacho do DR série nº 14 daquela data.

Não limitou o seu campo de acção ao sector de investigação tendo dado o seu precioso contributo na formação de agentes estagiários, colaborando com a Escola de Polícia Judiciária. Lecionou a disciplina de técnica e táctica de investigação criminal a cursos de formação de subchefes e chefes na Escola Prática de Segurança Pública a convite desta entidade, o que demonstra que os seus méritos foram sempre reconhecidos pelas outras forças e serviços de segurança, contribuindo para o engrandecimento do nome da Po-

lícia Judiciária.

Prova irrefutável do elevado conceito em que era tido por superiores, colegas e subordinados de Polícia foi o facto de ter sido eleito membro do Conselho Superior de Polícia e ter sido designado para fazer parte do Conselho Pedagógico da Escola de Polícia Judiciária.

De todo o exposto, porque Subinspector Manuel Fernandes de Sousa na sua qualidade de funcionário de investigação em serviço na Polícia Judiciária, ao longo de mais de 30 anos prestou importantes e muito relevantes serviços, que contribuíram indubitavelmente para o reforço do prestígio da instituição que tão devotada e abnegadamente serviu, entendemos dever ser proposto Sua Excelência o Ministro da Justiça, nos termos do nº 1 do artº 22 do Regulamento de Classificações e Louvores da Polícia Judiciária, aprovado por despacho conjunto de Sua Excelência Ministro da Justiça e Ministro da Reforma Administrativa publicado no DR II Série nº 22 de 27.1.83, lhe seja atribuído o "Crachat" de ouro.

Quando felicitamos o querido Amigo pela justa condecoração que os seus méritos profissionais mereciam, Manuel Fernandes de Sousa, com um enorme sentido de amizade e de gratidão escreveu-nos e disse: "Fico também contente por poder dar a V. Rev.ª esta satisfação, e creio que o falecido Padre Carlos que tanto fez por mim, também terá ficado contente lá no Céu por me ter saído bem da minha missão profissional para a qual me ajudou a encaminhar".

Nestes momentos em que a gratidão é moeda corrente e os mortos, até, são maltratados, a atitude do Manuel Fernandes de Sousa é uma lição e um exemplo para as pessoas bem educadas de bons sentimentos.

O Padre Carlos ficou contente "lá no Céu" com certeza.

Júlio Val

UM SERVIÇO À CULTURA LOCAL UMA OCASIÃO DE REFUNDAR O AMOR À NOSSA LINDA TERRA

CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁG.

tariam o amor à terra natal e à Pátria, alargariam os seus horizontes culturais e poderiam sentir-se motivados para muitos outros trabalhos de investigação que ajudassem a colocar Melgaço no lugar a que justamente tem direito.

Por nós, apesar do esforço que acarreta publicar mais 4 páginas, aqui estamos a dar mais um precioso contributo para dignificar a nossa terra com as suas próprias riquezas histórico-culturais e com aquilo que, de facto, a enobrece. Resta que os melgacenses em geral saibam ser dignos dos seus antepassados e todos colaborem para que as comemorações de 3 e 4 de Março sejam um acontecimento que nos honre a todos.



DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ
ANO XLIII — 888
15 DE FEVEREIRO DE 1989

QUINZENÁRIO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 40\$00
Tiragem da última edição
2.600 exemplares



PORTE PAGO

VI CENTENÁRIO DA TOMADA DO CASTELO AOS CASTELHANOS

NA SOLENTE COMEMORAÇÃO E CELEBRAÇÃO TOMAM PARTE:

- O Vice-Primeiro Ministro;
- O Bispo da Diocese;
- O Chefe do Estado Maior do Exército e o Comandante da 1ª Região Militar;
- Homens da Cultura: professores universitários e investigadores.



Eurico de Melo, vice-Primeiro Ministro

Como temos escrito nos últimos números deste quinzenário, a Comissão Organizadora das comemorações do VI Centenário da Tomada do Castelo de Melgaço aos castelhanos — Câmara Municipal, Comissão Regional de Turismo e «A Voz de Melgaço» — quis que o acontecimento fosse celebrado com dignidade e solenidade.

A maneira compreensiva e entusiasta com que as autoridades Cívicas, Religiosas e Militares receberam a notícia, aceitaram os convites e desejam participar é altamente pedagógica e exemplar para todos os melgacenses.

Esperamos que o povo, o bom povo melgacense, saiba corresponder com a galhardia que lhe é própria:

- às exigências históricas do acontecimento, participando com alegria, patriotismo e bairrismo

consciente e responsável; e

- ao exemplo que nos dão altos representantes do Povo, da Igreja e das Forças Armadas, colaborando no programa festivo.

Para o fazermos com mais convicção, vamos dar já um esquema do Programa definido:

As comemorações distribuem-se pelos dias 3 e 4 de Março, sexta e sábado, assinalando-se, no primeiro dia, a Tomada do Castelo, e, no segundo, Sábado, dia 4, a presença da Rainha D. Filipa de Lencastre, que se hospedou no Mosteiro de Fiães, donde desceu para assistir ao assalto ao Castelo.

Haverá, pois, actos militares, académicos, religiosos e populares.

DIA 3 :- SEXTA

Da parte de manhã, na Câmara Municipal, recepção às Entidades Oficiais. Seguir-se-á o

íçar da Bandeira Nacional no Castelo, com honras militares, descerramento de uma placa comemorativa e discurso alusivo pelo professor da Universidade do Porto, Doutor Humberto Baquero Moreno.

De Tarde

- Inauguração da exposição de Armas Antigas, na Biblioteca Municipal.

- Sessão Académica, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em que serão oradores: Doutor José Marques, Professor da Universidade do Porto, e o Tenente Coronel António Lopes Pires Nunes, especialista castrense.

À Noite

- Concerto pela Banda Militar da 1ª Região Militar.

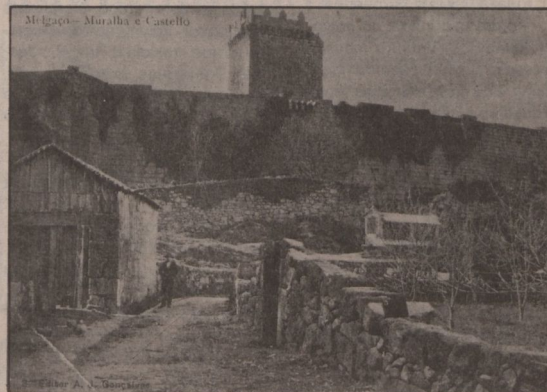
Dia 4, Sábado.

- Celebração religiosa no Mosteiro de Fiães.

- 10 horas - Recepção na Câmara Municipal ao Vice-Primeiro Ministro Eng. Eurico de Melo.

- 11 horas - Celebração eucarística solene no Mosteiro de Fiães, presidida por D. Armindo, bispo da Diocese de Viana.

- No final da celebração - Breve



exposição histórica e artística sobre o Mosteiro de Fiães e o Românico do Alto Minho a cargo do professor universitário Doutor Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

De Tarde, na Vila - Festa

Popular.

É este o programa gizado. Esperamos, no próximo número, apresentar as horas dos actos já programados.



MELGAÇO—Um panorama da vila.

MELGACENSE

Se és Melgacense de alma e coração, faz tudo por estar presente, nem que tenhas de te deslocar de longe. Verás que vai valer a pena! Participa nos actos comemorativos da tomada do Castelo aos Castelhanos.

Enamorados da nossa terra!

Manuel Rodrigues e Jósiana escolhem Portugal e investem no nosso País

Que Melgaço é terra de emigração maciça, toda a gente sabe. Que os seus filhos, na sua grande maioria, nunca esquecem a sua terra e para ela canalizam as suas poupanças, é também algo que nos enobrece a todos. Mas que sejam, as filhas, nascidas em França, crescidas e educadas lá, tendo a mãe francesa e tudo para singrar na vida em

França, que sejam as filhas a escolher Portugal e a levar os pais a alterar completamente a vida, é que já é muito raro. Pois foi o que aconteceu, estimado leitor e amigo, com este casal, cujo marido, Manuel Rodrigues, é natural de Castro Laboreiro, do lugar do Rodeiro. Lá no longínquo 1949, apenas com 17

Continua na 8ª pág.

DA VILA E CONCELHO

CASAMENTO ELEGANTE

Na Igreja Paroquial da Parede, concelho de Cascais, realizou-se o enlace matrimonial de Manuel José Salgado da Conceição, industrial, filho do nosso amigo, conterrâneo e estimado assinante Sr. Alvaro Alberto da Conceição, funcionário do Banco do Brasil em Lisboa, e da Sr^a D. Alzira Neves Salgado da Conceição, Agente de 1^a Classe da P. S. P. no Comando Geral, com Ana Paula Castelo Fernandes, Técnica de Computadores, natural daquela localidade, filha do Sr. Augusto Clemente Fernandes, Gerente da «FIAT - PORTUGUESA» em Lisboa, e da Sr^a D. Eulália Castelo Fernandes.

Foram padrinhos: do noivo, o Sr. Albino Rosa Ventura, industrial, e esposa D. Maria Ricarda Ruçado Filipe, e da noiva o Sr. Luis Viegas, industrial, e esposa.

No fim do acto, foi servido um primoroso almoço no luxuoso Restaurante «LIMO VERDE» daquela localidade a cerca de cem pessoas.

Ao gentil casal, desejamos muitas felicidades e uma perene lua de mel.

Alfredo Lourenço do Paço

REMODELAÇÃO DO TALHO 37 DO LARGO DA CALÇADA

Há cerca de 26 anos, existe no Largo da Calçada desta vila, um estabelecimento destinado à venda de carnes verdes, que pertenceu, em princípio, ao Sr. António Fernandes, e passados alguns anos ao Sr. Manuel Salvador Pereira.

O mesmo estabelecimento foi agora trespassado ao Sr. António Abraão Torres Lima, natural de Monção, e aqui radicado há muitos anos.

Este talho, foi remodelado com as mais modernas instalações do género, na melhor maneira de servir o público mais exigente, na venda de carnes verdes, salsicharia e lacticínios.

Ao novo proprietário, desejamos bons negócios.

ARMANDO SOUTELO

Numa curta visita, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Armando Soutelo, residente em Paris, França.

Este nosso amigo inscreveu como novo assinante de «A Voz de Melgaço» pagando já o ano de 1989 o seu companheiro de trabalho também nosso conterrâneo Sr. António Mendes.

Os nossos cumprimentos e gratos pela gentileza.

OPERADO

No Hospital da Misericórdia de Vila Nova de Cerveira, foi submetido a uma intervenção cirúrgica

a uma hérnia o nosso amigo, conterrâneo e estimado assinante Sr. José Manuel Esteves, proprietário da Lavandaria «FANY» desta vila.

Foi operador o distinto médico cirurgião Sr. Dr. Albano Santos, Director daquele Hospital e da Clínica de S. Roque, da cidade do Porto.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

FESTA DE S. BRÁS

Como de costume, realizou-se nesta vila, no passado dia 4, a festa em honra do glorioso S. Brás que constou do seguinte programa:

Às 11 horas, missa solene, cantada pelo grupo Coral dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, a que presidiu o Rev. P. e Justino Domingues, pároco da vila, acolitado pelo Rev. P. e Justino Afonso, pároco da freguesia de Prado, que foi também pregador, e pelo Sr. Mário Secundino Cerdeira (Ministro Extraordinário da Comunhão).

No final, procissão que percorreu o itinerário do costume.

Abrilhou a festividade uma Cabine Sonora.

REGRESSO DE INGLATERRA

Após ter passado uma temporada de visita a seus familiares residentes na Inglaterra, regressou a esta vila, a nossa conterrânea e estimada assinante Sr^a D. Cordália Santos do Val.

Os nossos cumprimentos.

FUTEBOL

Melgacense — Ancorense

A contar para a 15^a jornada do Campeonato Distrital da 1^a Divisão da Associação de Futebol de Viana do Castelo, disputou-se no Campo Municipal de Melgaço o jogo entre as turmas do Sport Clube Melgacense e o Desportivo Ancorense (Vila Praia de Ancora), que terminou com a vitória dos locais, por duas bolas a zero.

Árbitro, Clemente Borlido, coadjuvado por Adriano Parente (Bancada) e Domingos Martins (Peão), e as equipas apresentaram a seguinte formação. MELGACENSE - Sérgio; Raúl, Penteador, Passos e Gonçalves; Pedro, Aurélio e Táboas; Mona (Cap) (João), Bimbas e Zé Augusto (Jorge). ANCORENSE - Ventura; Abadesso, Garcês, Miguel e Vila Franca; Costa, Bertinho e Paulo César (Norberto); Filipe, Luciano (cap.) e Carlitos.

Ao intervalo : 1-0

Marcadores: Pedro aos 15 minutos e Jorge aos 82.

Acção Disciplinar: Cartões Amarelos a Bimbas, Garcês e Abadesso.

De salientar: Táboas, Penteador, Aurélio e Jorge.

Marcando logo aos 15 minutos de jogo, a turma melgacense teve ensejo para construir um resultado bastante mais amplo. To-

dava, ao conformismo de um Melgacense que na segunda parte procurou brindar os seus adeptos com uma boa exibição, juntou-se a réplica dos visitantes que tudo fizeram para modificar o resultado, mas sem êxito.

Arbitragem boa.

Resultados atrasados

Forjães 1 - Melgacense - 0
Caminha 6 - Melgacense - 1
Torreenses 4 - Melgacense 1

NOVO QUARTEL DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE MELGAÇO

Dia 10 de Janeiro de 1988, data limite da entrega de propostas, para a construção do novo Quartel dos Bombeiros Voluntários.

Estas duas linhas encerram um processo difícil e moroso, uma tarefa que foi preciso suportar sem esmorecimentos, muitas vezes lutando até contra factores alheios que pareciam apostados no descrédito, na renúncia. A vontade de todos nós melgacenses, tudo superou, foi recompensada largamente só pelo simples facto de se poder dizer:

«Começaram as obras do novo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Melgaço».

Ela aí está, começa a erguer-se, começa a dar uma ideia daquilo que vai ser, quando concluída.

Não se pense, porém, que tudo está arranjado, que isto nos vai ser entregue «de mão beijada», passe a expressão.

Efectivamente a firma «Jorge Pereira», de Lisboa, foi adjudicatária da obra pelo montante aproximado de noventa mil contos, verba que, como é do conhecimento geral, será suportada, em parte, pelo Poder Central, cabendo à Associação dos Bombeiros Voluntários pagar vinte por cento deste total.

A somar a estes encargos, existe ainda a obrigatoriedade de serem também os Bombeiros a custear alta de praça, revisões de preços e trabalhos a mais. Feitas as contas chegamos à situação de terem os abnegados soldados da paz que dispõem de cinquenta mil contos para podermos todos ver concretizado este sonho lindo. É evidente que tal compromisso se torna insustentável, pelo que a Câmara Municipal dá e dará a sua ajuda, procurando ainda, por todos os meios ao seu alcance, conseguir o contributo dos órgãos do Poder Central.

No entanto, e porque se trata de somas muito elevadas, será precisa a ajuda de todos os melgacenses, será preciso que mostremos do que somos capazes quando é preciso dizer aos BOMBEIROS que contem connosco como nós contamos com Eles, a qualquer hora ou em qualquer situação.

DE CHAVIÃES

QUEM NOS AVISA AMIGO É

Li no Jornal «SEMANÁRIO» que o Governo Português vai a partir do próximo mês de Maio, decretar medidas muito drásticas, aos furiosos do volante e a todos aqueles que transgridam o Código das Estradas. As multas vão ter um aumento de 500 a 1000%.

— Assim, salvo alteração para mais, estão previstas as seguintes taxas: — Estacionamento proibido 10 contos; ultrapassagem perigosa, mínimo 15 contos; excesso de velocidade, 25 contos; falta de cinto, de segurança, 7 contos e meio, etc, etc e etc... — Quanto ao pagamento é imediato ou apreensão do veículo, caso não haja «maçaroca» disponível, no acto da transgressão. — Por isso, não esperemos pelo mês de Maio para andar com moderação nas nossas estradas, nem nos fiemos em que o seguro que fizemos abrange todos os riscos, porque a vida de uma pessoa, por dinheiro, ninguém quer morrer.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

Não sei se poderemos dizer feliz aniversário natalício, o da Senhora D. Tereza Joaquina Meleiro, que completa os seus 101 anos, no dia 20 do corrente mês, pois só Deus sabe e a aniversariante já se encontra retida numa cama há mais de 20 anos, por cegueira e outras doenças. Vive no lugar do Val desta freguesia, aos cuidados de sua filha Sr^a D. Jenialda Augusta Marques e uma neta filha da Sr^a D. Jenialda. E, aparte as doenças que a acompanham, a veneranda Senhora ainda conversa razoavelmente com as pessoas que a visitam. Por isso, que Deus lhe dê muita resignação e muita coragem para enfrentar os seus sofrimentos até à hora da partida para o Além. Quanto a nós, apenas podemos felicitar a Sr^a D. Tereza Joaquina, por ter atingido uma meta, rara nos tempos de hoje.

IDA A SINTRA

O Sr. António Esteves Alves, residente no lugar das Lages desta freguesia, foi passar uns dias em companhia de sua filha, genro e netos, residentes na vila de Sintra. Que tivesse tido boa viagem e que encontrasse todos os seus de boa saúde, são os nossos sinceros votos.

António Luis Reinales

PAÇOS

FALECIMENTO

Na sua residência no lugar da Ferreira faleceu há dias, a Senhora D. Ermesinda Crespim, solteira, de 84 anos de idade.

O seu funeral realizou-se para o cemitério local. Os nossos sentimentos à família enlutada.

PROTESTOS E RECLAMAÇÕES

A maioria das populações reclamam a reposição da água nos fontanários do tanque dos burros, no lugar da Sr^a de Lurdes. Segundo nos consta a J. A. das Estradas já foi informada do que se passa com a água daqueles fontanários. No entanto, até esta data, nada foi resolvido.

Será que anda por aí algum favoritismo?

C.

CRISTÓVAL

Na sua residência no lugar de S. Gregório, faleceu, há dias, o Senhor Augusto, reformado da Auto-Viação Melgaço, casado e tinha 71 anos de idade. O seu funeral realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento de gente que veio de várias partes do Concelho. A toda a família enlutada, as nossas sinceras condolências.

C.

ANIVERSÁRIO

Festejou o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo e assíduo correspondente da vila, Sr. Alfredo Lourenço do Paço.

Por tal motivo, felicitamos o aniversariante com desejos de longa vida, no convívio de seus familiares e amigos.

«A VOZ DE

MELGAÇO»

PROPRIETÁRIOS
ANTÓNIO LUIS VAZ E
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Director:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:

CARLOS NUNO

SALGADO VAZ

REDAÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Largo da Senhora-a-Branca, 105

- 4700 BRAGA - Tel. 25284

Composto e Impresso em Offset

Empresacoop-R. Bernardo

Sequeira, 591-Tel: 79 850

Braga

Assinaturas (Anual):

900\$00

Aos assinantes que

recebem o jornal com uma

3^a dobra ou cinta mais

400\$00 por ano.

DE ROUSSAS

O Tempo

— Apesar de uns breves chuviscos do dia 9, todos se lamentam desta tremenda seca de que não há memória mesmo nos mais velhos! Se isto continuar assim, vai ser um ano de fome que muito vai dificultar as coisas no nosso país.

Obras na Igreja

— Foi pedida a colaboração das pessoas de boa vontade para ajudar a desmantelar o actual coro e ser devidamente substituído. O empreiteiro a quem foi solicitado que tomasse conta da obra pediu esta ajuda, pois é muito difícil encontrar gente que queira trabalhar a sério neste tipo de obras. Esperemos que a ajuda seja pronta.

Estrada para a Pombeira — Recomeçaram os trabalhos no que faltava arranjar desde a Costinha até à Pmbeira. Esperemos que terminem quanto antes.

Júlio Augusto Moreira da Mota - Morte Trágica



Este nosso conterrâneo, natural de

Fiães, e apenas com 32 anos, casado com a espanhola Maria Delmar, e que trabalhava como chefe de pessoal numa empresa de transformação da pedra em Figueiras, Gerona, Espanha, morreu tragicamente em 31 de Dezembro último vítima de queimaduras gravíssimas em 98% do corpo fruto de um incêndio provocado involuntariamente quando, depois de ter passado alegremente o Natal em Portugal e de ter visitado todos os amigos, acabava de regressar a sua casa e se preparava para acender a lareira. O incêndio num pequeno bidão de gasolina de que se servia para acender o lume acabou por ter consequências fatais nele. Apesar de tratado no célebre Hospital Valle Lebron, de Barcelona, o mesmo que tratou o famosíssimo pintor espanhol, há

dias falecido Salvador Dali, o Júlio não conseguiu sobreviver às queimaduras.

O seu único irmão vivo, o Daniel Augusto, casado na Pombeira, foi imediatamente para Gerona e assistiu ao funeral em 3 de Janeiro. E ainda bem que foi, porque, apesar da imensa dor pela perda do irmão, teve a consolação de ver quanto era querido o seu irmão. A empresa onde trabalhava parou a laboração no dia do funeral e todos manifestaram enorme carinho para com o falecido pelo qual nutriam muita estima e carinho.

Deixa duas filhinhas, a Mónica, de 11 anos, e a Fany, de 5. Era filho de Guilhermino Moreira da Mota e de Maria Augusta Pinheiro, já falecidos.

A sua esposa e filhinhas, a seu irmão Daniel Augusto, sua cunhada Maria e demais familiares enlutados apresentamos as nossas sinceras e mais vivas condolências. *Continua na 6ª Pág.*

*«A Voz de Melgaço»
especialmente para si!*

Lucinda Firmina Domingues Caldas

AGRADECIMENTO

A Família de Lucinda Firmina Domingues-Caldas, que foi do Lugar da Nogueira - Paderne, profundamente reconhecida, agradece a todas as pessoas que por qualquer meio, se dignaram associar-se à sua dor por ocasião do falecimento da saudosa extinta ou participaram nos sufrágios por ela celebrados.

AMIGO LEITOR

**Pagar sempre a assinatura
Bem cedo e directamente
É contributo importante
Que pode dar toda a gente.**

AGRADECIMENTO

DEOLINDA DOMINGUES

Sua família na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada e lhe manifestaram o seu pesar, vem fazê-lo por este único meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária

A Família

**DR. OLIVEIROS
RODRIGUES**

ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
— MELGAÇO —

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes
Agente oficial das marcas
AEG TELEFUNKEN e
GRUNDIG
Assistência Técnica
VENDA DE APARELHOS
ELECTRODOMÉSTICOS
RUA DO RIO DO PORTO
TELEFONE 42650 - 4 O MELGAÇO

Compre agora e pague — em
12 MESES, em —

Móveis Castelo

DE
Ramiro de Lima A. Cerqueira

RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO

EXPOSIÇÃO:
RUA DA CALÇADA



ARCA

Seguros — Apartamentos — Legalizações
A.C.P. - Autogrupos
Maria Fernandes Val Brito

Rua Velha - Melgaço - Telef. 43111 - 4960 Melgaço

MANUEL CAJÃO

MÉDICO — CLÍNICA GERAL

CONSULTAS: todos os dias e ao domicílio.

**FONTE DA VILA — TEL. 42820
MELGAÇO**

**JOAQUIM RODRIGUES
TEIXEIRA & C^ª, L. ^ª**

CONSTRUÇÕES DE PRÉDIOS PARA
VENDA
ALTA QUALIDADE A PREÇOS
COMPATÍVEIS

EM BRAGA

Escritório :
Avenida Central, 54 - 1^º
Telefones :
27256 - 25185



FABRIMAR DO PRINCIPIO AO FIM

UMA RAÇÃO DE RAÇA

**À VENDA NA COOPERATIVA DE
MELGAÇO**

FABRIMAR

**FÁBRICAS DE MOAGENS
DO MARCO, LDA**

A
S
S
I
N
E
D
I
V
U
L
G
U
E
«A
V
O
Z
D
E
M
E
L
G
A
Ç
O»

CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO

SECRETARIA

EDITAL

António Rui Esteves Solheiro, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Melgaço:

Torna Público, em cumprimento da deliberação tomada pela Edilidade, em reunião ordinária de 18 de Janeiro corrente, que se encontra aberto concurso público, a partir da data da publicação deste Edital, para a venda de 3 (três) lotes de terreno sitos no Loteamento de Carvalho de Lobo.

A Câmara aceita propostas para o referido concurso até ao prazo de 60 dias após a publicação deste Edital e até às 17 horas no último dia.

As referidas propostas deverão ser entregues em carta fechada e lacrada e nas mesmas deverá constar o número ou números dos lotes pretendidos.

Os lotes em questão correspondem aos números 24, 25 e 26 do dito loteamento e têm as áreas respectivamente de 640m², 700m² e 800m², conforme planta topográfica anexa a este Edital.

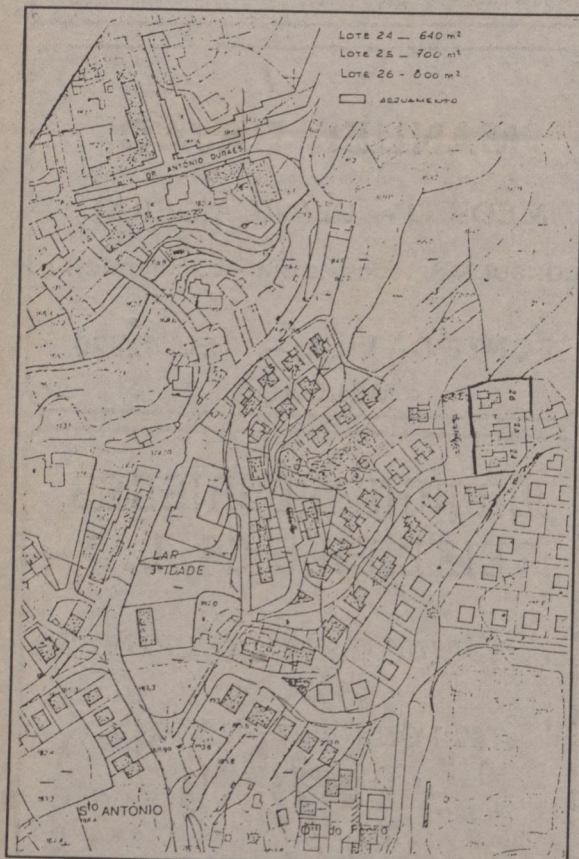
Qualquer outro esclarecimento sobre este assunto pode ser solicitado em qualquer dos Serviços desta Câmara Municipal.

Para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume e dele será ainda dada publicidade através de publicação no Jornal "A Voz de Melgaço".

E eu, Luis Manuel Mendes Monteiro, Chefe da Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal de Melgaço, o subscrevi.

Paços do Concelho de Melgaço, 23 de Janeiro de 1989.

O Presidente da Câmara
(António Rui Esteves Solheiro)



NA PENEDA

ATÉ QUE ENFIM...

Havia na Peneda, e há, um estabelecimento a que davam o nome de Hotel, mas sem quaisquer qualidades que condusessem com essa função.

A Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez decidiu enfrentar o problema aprovando, recentemente, um projecto para a recuperação condigna do edifício.

Desta forma a Confraria vai avançar com obras de reconstrução.

POLÍTICA NACIONAL

- Congresso do Partido Socialista
- Que anunciaram e aclamaram?
- Que se espera?

Meu caro António Dias

Como sabes, com o pedido de demissão de Vitor Constâncio, do cargo de Secretário Geral do Partido Socialista, tornou-se indispensável fazer um congresso extraordinário para a escolha de um novo Secretário Geral.

Concorreram dois: Jorge Sampaio e Jaime Gama.

Venceu o primeiro: Jorge Sampaio.

Como estás aí, em França, gostarás de saber que se espera do novo líder do Partido Socialista e do «novo» P. S.

Vou dizer-to com a transcrição do que alguns críticos políticos da imprensa escreveram:

— Victor Cunha Rego, Director de «O Semanário» escreveu: «O Congresso do último fim-de-semana foi um suceder de banalidades, com excepção do que disse, no fim, o secretário-geral. Jorge Sampaio fez um discurso mobilizador impecável. Mas não chega. O partido está demasiado arrumadinho, bem comportado e bem pensante para que o eleitorado acredite nele. Não será uma eventual aliança autárquica com o PC que vai prejudicar o PS de Jorge Sampaio. Trata-se da falta de força, emoção e carisma»;

— José António Saraiva, Director do «Expresso» escreveu: «... o novo líder socialista continua a ser uma incógnita.

Se for capaz de juntar a alma que já possui a um maior rigor no discurso e a uma maior capacidade de abordar as questões práticas, sistematizando -as em vez de as complicar, Jorge Sampaio poderá vir a ser o líder com que os delegados porventura sonharam quando fizeram dele secretário-geral.

Se, porém, não for capaz disto, possivelmente cansar-se-á do cargo - e acabará por abandonar a chefia do PS ressentido com os seus colegas de direcção e com o conjunto do partido, por não terem sabido reconhecer a sua generosidade»;

— José Miguel Júdice escreveu na sua secção «Política» de «O Semanário»: «O que se passou era esperado. Os socialistas escolheram um líder para os convertidos e não um líder para converter, escolheram uma figura que sossega o partido e não uma figura que interesse o País, optaram por um político com as características da comunicação em pequenos grupos e não um político que seja um «comunicador» televisivo»...

...Escolheram um chefe para lhes obter aquilo em que não acreditam: que possam derrotar Cavaco Silva nas próximas eleições»; e

— Mário de Oliveira, em Editorial de «O Globo» de 20 a 30 de Janeiro escreveu:

a) «... Desta forma parece estar definitivamente enterrada a época Soares que é agora substituída por uma corrente mais radical de esquerda»;

b) «Jorge Sampaio não terá por certo uma liderança fácil a qual se agravará em função do passar

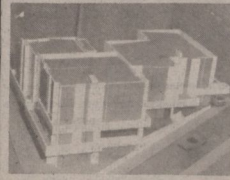
do tempo, porque não é nada fácil para os verdadeiros socialistas engolirem a ascendência a lugares de decisão, a um homem como Lopes Cardoso, que em tempos foi dado como o maior traidor do Partido Socialista»; e

c) «Embora não deixemos de acreditar nas palavras de Sampaio que não se identifica com uma pálda «remake» de Constâncio, a verdade é que o novo líder dos Socialistas nem isso sequer vai chegar a ser».

Aqui tens, meu Caro António Dias, o que alguns críticos disseram do novo líder do Partido Socialista.

Júlio Vaz

CONSTRUMINHO, L.D.A.



Largo da Calçada

Telef. 42039 - 4960 Melgaço

Rua Almirante Ramos Pereira

Telef. 91 13 72

4915 Vila Praia de Âncora

ELECTROTECNICA

António Solha & Irmão
Praça da República
4960 MELGAÇO

* Rádio - Instalações
Eléctricas
* Televisão -
Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica qualificada
TELEFONE: 42294

SERRALHARIA ARTÍSTICA

CODY

— PORTAS - CAIXILHOS -
MARQUISES -
(Tudo em Alumínio
Anodizado)

de Carlos Alberto Codesso
Granjão - Paderne - Telef. 42244

4960 MELGAÇO

EXPRESSO DO ALTO MINHO

Comodidade - Rapidez - Economia
Autopullman de luxo - Serviço de Bar

VIAGENS RESENDE

Porto - Rua dos Carmelitas, 7
Lisboa - Rua dos Bacalhoeiros, 20-A

e AUTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA.

NOVO HORÁRIO DO EXPRESSO
S. GREGÓRIO - PORTO

b	a	c		LOCALIDADES	d	b	a
7.30	15.00	19.15	P	S. GREGÓRIO	C	20.25	23.00
7.45	15.15	19.30		Melgaço		8.45	22.50
8.15	15.45	20.05		Monção		8.15	22.20
9.10	16.30	21.00		Arcos de Valdevez		7.30	21.35
9.15	16.40	21.15		Ponte da Barca		7.25	21.25
9.50	17.10	21.45		Vila Verde		6.55	20.55
10.15	17.25	22.00		Braga		6.40	20.40
10.35	17.45	22.30		V. N. Famalicão		6.10	20.05
11.25	18.48	23.15	C	PORTO	P	5.30	19.10

a) - às 6.ªs feiras ou vésperas de feriados

b) - De 2.ª a 6.ª feira excepto feriados.

c) - Aos Domingos e feriados

d) - às 2.ªs feiras.

RECORDANDO... MEDITANDO

Volto à minha terra, canta o meu coração por rever amigos, lugares queridos, o mar azul esmalte, amendoeiras em flor, o ar ameno, enfim, um sem número de pequenas coisas e nada que matam a saudade e encham os olhos e a alma de alegria.

Em Melgaço, o meu sempre querido Melgaço, faz frio e há certamente neve nos montes, o que me encanta os olhos, mas me faz gelar os ossos.

Não é nesta época do ano, que me delicio em lá estar.

Talvez por ter nascido e vivido nestas paragens mais quentinhas, o frio me faça sofrer.

Aqui também há frio, não se pense que é só amenidade. Mal da agricultura se não fizesse vento, chuva e frio.

Tudo é preciso, mas só que aqui é tudo de um modo geral bem doseado. Há menos horas de frio, chove menos, o inverno é mais curto e menos rigoroso. Por isso a temperatura é mais suave

que noutras províncias.

Nesta época do ano as amendoeiras com as suas flores, encham a paisagem de beleza com os seus tons de rosa e neve. Mas outras árvores que não se despem de folhas no inverno, dão uma nota verdejante à paisagem.

A alfarrobeira e a oliveira não perdem as suas folhas.

Há até uma graciosa poesia da autoria dum dos muitos poetas algarvios, que elogia a alfarrobeira.

Este poeta, Leonel Neves, foi meu amigo e colega de liceu e já em novato fazia versos.

Tem até mais que um livro editado e é de um deles intitulado =Natural do Algarve= que eu vou transcrever o louvor à alfarrobeira. Em 1968 foi feita a primeira edição e em 1986 a Universidade do Algarve resolveu fazer uma 3ª edição, por lhe achar muito valor.

Esta é uma homenagem amiga e em louvor à vegetação algarvia.

Em louvor da alfarrobeira

*Todas são árvores de amar,
estas que moram à nossa beira:*

*A amendoeira, de namorar;
amante esplêndida, a figueira;
mas moça séria, para casar,
fecunda e firme, - a alfarrobeira.*

*A mais bonita encanta e desespera
os namorados com seu riso breve.
Trouxe o inverno pássaros de neve
que acharam no Algarve a primavera,*

*e deles a amendoeira fez um véu
para os turistas que se encantam, vendo-a.
Mas cada flor que a tonta ofereceu
é menos uma amêndoa...*

*A figueira é diferente: com seus modos
de matrona de beijos pequeninos,
embala aos donos e a todos,
- pássaros, vagabundos e meninos.*

*Mas no inverno já ninguém a ama,
e atira ao vento os braços despregados,
como uma mãe que chama
moços mortos no mar ou emigrados...*

*A alfarrobeira, não! Séria, quieta,
mal se vê, não se despe nem se perde:
concebe os frutos, íntima e discreta,
no silêncio da sua copa verde.*

*Fruto? Um esquisse negro, nunca centro
de um bucólico olhar ou de uma gula.
O que é a alfarroba? Pão de mula,
com lágrimas lá dentro...*

*Suor que em choro enrola
Tanta esperança morta...
Sementes de alfarroba que o Algarve exporta
e que depois importa
como tinta, como cola.*

*Tinta para um cartaz com amendoeiras,
cola de caixa com figuinhos lampos,
- são as lágrimas negras que nos campos
por nós choraram as alfarrobeiras.*

*Eu, que de todas sou bom amigo
e bom vizinho, sempre vos digo:*

*A amendoeira, de namorar...
Amante esplêndida, a figueira...
Mas moça séria para casar,
- a alfarrobeira!*

Na verdade, versos como estes e todos os outros que fazem parte de =Natural do Algarve= seria uma injustiça ficarem perdidos, esquecidos apenas numa só edição de 1968.

Faro, 30-1-89
M.S.

CARTAS AO DIRECTOR

Odivelas, 4 de Fevereiro de 1989

Caro Director

Sou assinante do vosso jornal há cerca de 2 anos e é a primeira vez que me dirijo a vós, por dois motivos: o primeiro para pedir desculpas, pois fui passar o Natal e o Ano Novo a Penso junto da família e esqueci-me de pagar o jornal. Pois aqui envio um cheque de 4.000\$00 sobre o Banco Totta e Açores com nº 855517 para pagamento do jornal até ao ano de 1992.

E o segundo motivo é um assunto que já foi diversas vezes ventilado, mas nunca é demais falar no assunto.

A saúde em Melgaço continua doente.

Como eu já contei, fui passar o Natal a Penso e ao 2º dia senti-me mal e como beneficiário da Segurança Social fui ao Hospital onde cheguei às 10 horas da manhã. Dirigi-me ao balcão de atendimento e inscrevi-me para ser atendido por um médico. Mandaram-me ir perguntar à Drª Lurdes Cajão, que estava a dar consultas, se me podia atender.

Passada meia hora, falei com a Srª Doutora que me disse não poder, pois que já tinha muitos doentes; que fosse às urgências, o que naturalmente fiz. Quando lá cheguei, eram mais os doentes do que os que tinha a Doutora. Esperei até ao meio dia. Como os doentes continuassem quase os mesmos, voltei ao balcão de atendimento e perguntei se não podia marcar para as 2 horas. Disseram-me que sim.

Fui para casa e voltei eram 13.45 e já estava uma multidão de gente à espera. Fui ao balcão e marcaram-me a consulta para o Dr. Rui Taxa que estava de serviço às urgências e saía às 15.30.

Esperei. O Dr. saiu e foi para a consulta de geneecologia até às 17.30 e esperei a hora a que o dito clínico me atendeu. Por sinal bastante competente.

Ora eu sei que há falta de médicos. Mas as pessoas que visitam esse concelho e lá vão em férias não tem médico de família. Não seria possível, no período de férias, destacar um médico para atender as pessoas que aí não são residentes habituais para que não tenham que andar como bola de ping-pong de um lado para o outro?

Acho que com um pouco de boa vontade as coisas se poderiam resolver de uma maneira mais eficaz.

Assim termino

Com os meus respeitosos cumprimentos
M.S.V.

Vida Diocesana

Encontro diocesano de catequistas

No dia 9 de Julho efectuar-se-á na cidade de Viana do Castelo o VII Encontro Diocesano de Catequistas.

Encontro de Pastoral Social

Realizou-se no dia 28 de Janeiro o Encontro Pastoral Social de Melgaço.

Os trabalhos decorreram no salão nobre da Câmara Municipal e foram oradores: Dr. Albino Ramalho, Dra. Piedade Gonçalves, eng. Augusto Coutinho P.e Torres Lima, Manuel Ferreira e P.e Artur Coutinho.

Dia Mundial da Floresta

A celebração deste dia, em Portugal, efectua-se no dia 21 de Março, na circunscrição florestal da Marinha Grande e na cidade de Leiria.

DR. RUI TAXA ARAÚJO

— CONSULTAS —

2ª 3ª 5ª 6ª

DAS 9.00H. às 12.00 Horas

— CONSULTÓRIO E RESIDÊNCIA

NA RUA DO CINEMA - 1º DTO.

Tel. 42914

MELGAÇO

DOMICÍLIO A QUALQUER HORA

DR. JOÃO GASPAR

— CONSULTAS —

Todas as Tardes

Das 14.00 H. às 18.00 Horas

Trav. Dr. António Durães

(Junto à E.D.P.) — 2º Andar

Telef. 42997

EM QUALQUER LUGAR

Sporting
Clube

Melgacense

Por proposta da Delegação Distrital de Viana do Castelo, a Direcção Geral dos Desportos concedeu ao Sporting Clube Melgacense 300.000\$00 para beneficiação das instalações desportivas.

DE ROUSSAS

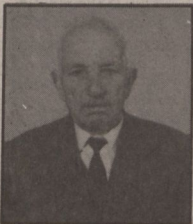
Continuação da 3ª pág

Manuel Rodrigues - Faleceu em 30 de Janeiro, no lugar da Eira, o senhor Manuel Rodrigues, casado com Maria Fernandes. Era natural de Lamas de Mouro e tinha 60 anos de idade.

O seu funeral realizou-se com missa de corpo presente e causou muita consternação dado o falecido ser uma pessoa ainda bastante nova, mas a doença que o vitimou é das que não se consegue ainda vencer.

A sua esposa e filhas Maria do Céu e Aldina apresentamos os nossos sentimentos

José Fernandes



Com 74 anos de idade, faleceu em 31 de Janeiro o nosso conterrâneo e amigo, sr. José Fernandes, de Bilhães. Singular coincidência foi que o falecido cumpria precisamente 74 anos no dia 2/2, ou seja, no dia em que foi sepultado.

Há uns 4 anos que o senhor José foi operado. Depois, esteve em França a tratar-se, não só porque lá trabalhou e podia beneficiar dos cuidados de saúde, como também porque lá tem 4 filhos a trabalhar. Da primeira vez regressou muito confiante e parecia ter

melhorado bastante. Tinha regressado novamente há meses para novos exames e os médicos queriam que ele ficasse lá mais uns dias, mas a vontade de passar o Natal em Portugal foi mais forte, e o senhor José veio cá passar o Natal, junto da filha e do filho deficiente. Regressou a França depois do Natal, mas já não havia nada a fazer. Em 29 / 1, veio o filho Agostinho trazê-lo de avião naquela que seria a sua última viagem. Depois, as coisas complicaram-se logo, tanto que veio a falecer dois dias depois.

Era viúvo de Rosa Fernandes, e pai de José Manuel, Manuel Fernandes, casado com Margarida Rodrigues; Maria Fernandes, casada com João Baptista Esteves; António Domingos Fernandes, casado com Maria de Lurdes Esteves; Agostinho Fernandes, casado com Maria de Lurdes Tábuas, e Júlio Fernandes, casado com Clara Fernandes.

O seu funeral constituiu uma impressionante manifestação de pesar e foi ótima ocasião para se ver a maior riqueza da nossa terra: - o amor à família, pois não faltou nenhum dos filhos que trabalham em França e até o genro, que lá trabalha, veio a Portugal para participar no funeral.

Paz à sua alma e os nossos sentidos pésames a todos os seus filhos, netos e demais familiares.

Maria de Fátima Codeço

Vítima de um acto de menos lucidez mental, faleceu em 6 de Fevereiro, depois de uns dias de hospitalização no Porto, a senhora Maria de Fátima Codeço, natural de S. Paio e residente no lugar da Cela, casada com o senhor José Domingues e mãe de dois filhinhos, um dos quais muito precisa dos cuidados maternos.

Que o Senhor de Misericórdia, que tudo sabe e muito melhor do que nós, lhe tenha dado a paz e tranquilidade por que ansiava, e dê ao seu insolúvel marido e filhinhos a força de continuar a vida e de a tornar mais leve.

JUSTA PROMOÇÃO

Acabamos de saber que o nosso conterrâneo **Júlio de Sousa Domingues**, natural do lugar dos Perzes e a residir em Monção onde era técnico de Finanças, acaba de ser promovido a Perito de Finanças pelo que está a trabalhar no âmbito da Direcção Distrital de Finanças do Porto à espera de poder vir para mais perto da sua terra.

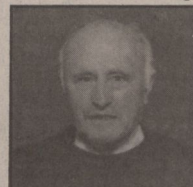
Depois de ter passado um exame em que, de 3.000 candidatos, foram apurados apenas 170, este nosso amigo e prezado colaborador viu premiado o esforço e dedicação que vota ao seu trabalho que, aliás, não se confina ao profissional, pois ainda ar-

ranja tempo para militar politicamente e presidir aos destinos da freguesia de Longos Vales, em Monção, onde reside.

Alegremo-nos com o facto e formulamos os melhores votos para que consiga alcançar os objectivos que se propôs.

Parabéns, caro amigo.

António José Domingues



Agradecimento

A Família de António José Domingues, natural de Castro Laboreiro e residente no lugar da Oliveira, desta Vila de Melgaço, na impossibilidade de agradecer particularmente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, vem fazê-lo por este meio, pedindo desculpa de qualquer falta involuntária.
A Família.

«DA POBREZA AO DESENVOLVIMENTO»

É este o tema que o Seminário Nacional da Caritas Portuguesa vai estudar nos dias 15, 16 e 17 de Março próximo.



CASA DE MORADIA E TERRENOS

VENDEM-SE EM ROUÇAS

No lugar de Crasto, mesmo junto à estrada, casa ainda nova, terrenos de cultivo com muita vinha e muita água.

Trata: **António Fernandes**
Presidente da Junta de Rouças

Stand Auto Lourenço

Fonte da Vila — Melgaço — Telef. 43143

PNEUS, ÓLEOS, LUBRIFICANTES, BATERIAS, ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES, EQUILIBRAGEM DE RODAS E AFINAÇÕES.

AUTOMÓVEIS E COMERCIAIS TOYOTA

Agente Oficial

BEATRIZ AUGUSTA RIBEIRO LIMA

AGENTE DISTRIBUIDORA DOS VINHOS DO PORTO

AV. Dr. António Durães
4960 - Melgaço
Telefones: 42302 - 43113



BARROS PORTO

VENDA

DE CASA COM CAMPOS E ADEGA NA CORREDOURA — PRADO

TRATAR COM : **GERMANO CARABEL S. JULIÃO — MELGAÇO**

Dr. Paulo Malheiro
ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto.
— 2700 Amadora

Telef. 4940478

DR. LEITE D'ALMEIDA

DOENÇAS DOS OLHOS
CIRURGIA - LENTES DE CONTACTO

CAMPO DA VINHA, 23 - 2ª

TEL. 71477 - BRAGA

RUA DE CEUTA, 60 - 3ª

TEL. 24288 - PORTO



AGÊNCIA IMOBILIÁRIA

de - **HEITOR D. CAMPOS AMOEDO**

MEDIADOR OFICIAL DE IMÓVEIS

Para uma justa avaliação das suas propriedades

COMPRAR - VENDER

ALUGAR OU ARRENDAR - COMERCIAL OU HABITAÇÃO

PREDIMÇÃO: Rua General P. de Castro-20

Telef: 52872 ————— 4950 MONÇÃO

CONSTRUÇÕES DE:

JOÃO DA COSTA PEREIRA DE MACEDO

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

- * Vivendas e Apartamentos
- * Escritórios - Estab. Comerciais
- * Quinta - Lotes para construção
- * Venda e aluguer de armazens

CONTACTE

ESCRITÓRIO:

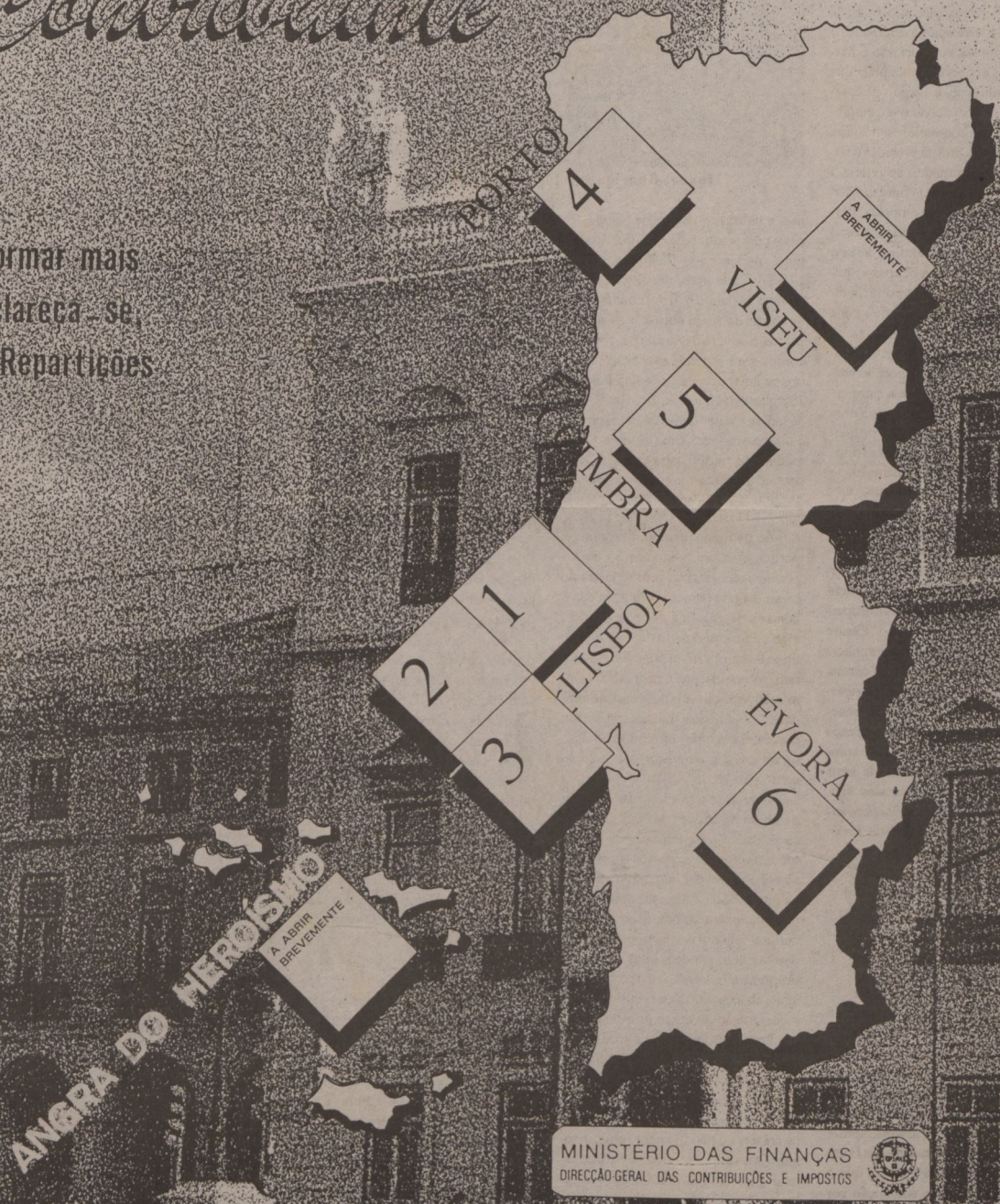
Av. da Liberdade, 498-1º Esq.
4700 BRAGA - Telef. 26535 - 77318

RESIDÊNCIA:

PRADO - 4730 - VILA VERDE
Telef. 921319

Serviços de Informações Fiscais e de Apoio ao Contribuinte

Queremos informar mais
e melhor. Esclareça-se,
também, nas Repartições
de Finanças.



MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
DIRECÇÃO GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS



LISBOA - Rua D. Duarte, 4 (Edif. H. Mundial), 1000 Lisboa. Telef. 01/860581-01/862218-01/872127-01/874047 e da Linha Azul 01/869211-01/868937. Aberto das 8.30 às 19. h dos dias úteis.
 - Rua do Carmo, 87-D, 1000. Telef. 01/371262 e da Linha Azul 01/370991. Aberto das 8.30 às 19. h dos dias úteis.
 - Centro C. das Amoreiras, Loja 1001, 1000 Lisboa. Telef. 01/690540 e da Linha Azul 01/690540 e da Linha Azul 01/651051. Aberto todos os dias, incluindo domingos e feriados das 15. às 21. h.

PORTO - Rua D. João IV, 397, 4000 Porto. Telef. 02/560511-02/560786-02/560811. Aberto das 9. às 12.30 e das 14. às 17.30 h dos dias úteis

COIMBRA - Rua Fernão Magalhães, 424, 3000 Coimbra. Telef. 039/22222. Aberto das 9. às 12.30 e das 14. às 17.30 h dos dias úteis.

ÉVORA - Centro C. Eborim, LB-02, 7000 Évora. Telef. 066/297066-066/29606. Aberto das 14. às 20. h de segunda a sábado.

Enamorados da nossa terra!

Manuel Rodrigues e Josiana escolhem Portugal e investem no nosso País

CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁG.

anos, emigrou para França e foi trabalhar como "maçon" na construção civil que, nessa altura, estava em plena expansão. Quase de seguida, e apesar de ter apenas a 4ª classe incompleta, começou a saber ler uma planta de obra, pelo que o patrão o nomeou chefe de "chantier". Passados poucos anos, abalança-se a fundar a sua própria empresa de construção civil e corre todos os riscos que isso implica. Vai, todavia, vencendo e singrando na vida. A empresa ia crescendo e Manuel Rodrigues conheceu aquela que viria a ser sua esposa. Depois de casados, a esposa, sem deixar o seu emprego de secretária comercial numa outra casa, começou a prestar preciosas colaborações em tudo quanto se referia à contabilidade, aspecto fundamental na gestão sadia de uma empresa. Passados mais alguns anos, dado o crescimento da empresa da família, deixa o seu emprego e passa a ocupar-se exclusivamente dos assuntos relacionados com a firma própria. Em finais dos anos 60, e dada uma certa baixa da construção de casas, a firma de Manuel Rodrigues e Josiana recebe propostas para construção de supermercados. Era uma experiência nova e ariscada, pois os interessados pediam créditos a 3 e 4 anos para pagar as dívidas contraídas com a construção do supermercado. Acontece que, uma vez a funcionar, o supermercado conseguia pagar tudo quanto tinha investido em poucos meses. Ai, Manuel Rodrigues e esposa viram que o supermercado seria um óptimo investimento. Construíram o seu primeiro supermercado em 1971. Chama-se "Centre Leclerc", com 2.700 m² de área coberta e estacionamento para 450 carros. Associaram-se a uma cadeia de supermercados apenas para poderem beneficiar de melhores condições em preço e atendimento para os bens que compravam, dada a quantidade de bens que a cadeia de supermercados vendia. Em 1982 abriram um 2º supermercado, em Fosses, a 30 km de Paris, num terreno de 12 hectares junto do aeroporto Charles De Gaulle. Este já tem uma área coberta muito maior: 7.500 m², com 12 lojas de apoio e 8 bombas de gasolina. Para se ter uma ideia mais aproximada da sua magnitude, basta dizer que tem 32 caixas registadoras e emprega 115 pessoas.

Com tantos investimentos em França e com tantas possibilidades de lucro através dos bens adquiridos, nunca deixaram de vir a Portugal. E as duas filhas, a Brigitte, que em breve casará com um sobrinho neto do saudoso Pe. Abel Varzim, e a Catarina, apesar de toda a educação recebida em França, enamoraram-se do País em que o pai nasceu e fizeram a sua opção por Portugal. Educadas nas irmãs Dominicanas, levando sempre uma vida simples e de trabalho, estão já a trabalhar cá em Portugal, uma orientando a Quinta da Carreira, em Riba d'Ave, de 50 hectares, com uma exploração de mais de 150 cabeças de gado, e a outra, depois de feito o curso de tradutoria-intérprete, tem o seu próprio escritório no Porto e tem muito que fazer, pois os clientes são numerosos.

Os jornais da cidade de Braga deram grande relevo ao facto de o magistoso Hotel Turismo, a melhor e



Manuel Rodrigues e Josiana Arlete Rodrigues

maior unidade hoteleira da cidade, ter sido comprado pela família Rodrigues, pertencendo 75% aos pais e 12,5% a cada uma das filhas. Nesta compra gastaram 670 mil contos, mais os custos de sisa e outros, e estão dispostos a investir entre 80 a 100 mil contos para remodelar e tornar mais operacional esta unidade hoteleira de 132 quartos, 10 suites, 20 lojas, 1 sala de cinema, salas de jantar, de estar, de conferências, etc. Uma compra desta magnitude causou certa sensação e as pessoas pensaram logo apenas no superficial e não foram ao fundo da questão. Não viram que todo este negócio é fruto de longo estudo, foi possível porque cederam a exploração do supermercado, ficando proprietários do mesmo ainda com a exploração das 8 bombas de gasolina onde se vendem algo assim como perto de 1 milhão de litros de combustível por mês! Não viram, sobretudo, que o negócio era significativo da ousadia dos seus compradores, pois nunca tinham trabalhado em Hotelaria, mas, mesmo assim, ousaram arriscar e investir em cheio no nosso país.

Quando se tem a sorte de conhecer a família Rodrigues de mais perto, fica-se com a grata sensação de encontrar um conjunto de pessoas profundamente unidas por um nobre ideal e pautando a sua vida pela simplicidade e pelo amor entranhado à terra e à agricultura! E como isto é importante para o nosso meio, onde muitos como que desprezam os terrenos e deixam ir por água abaixo tantas possibilidades de reconstrução do nosso próprio meio.

Por vezes, encontram-se algumas pessoas que, por terem 5 ou 6 mil contos já pensam mais na ostentação exterior do que em investir a sério: pior do que isso, quase só sabem dizer mal da nossa terra e não lhe vêem futuro risonho. Ora o que mais grato nos foi constatar é que a família Rodrigues orgulha-se das suas origens humildes, fala delas com alegria e gosto, e tem como ideal contribuir o mais possível para que um dia não seja necessário emigrar, provocar a separação das famílias, mas que seja possível ganhar cá honrada e dignamente o pão de cada dia. Daí o investimento em Portugal, o arriscar forte no progresso e desenvolvimento do nosso País, quando podiam, comodamente, viver refestelados dos seus rendimentos. Mas eles sabem bem que isso não seria viver, mas ir morrendo aos poucos em cada dia.

É grato ver também o amor de D. Josiana por Portugal. Ela já fala muito bem o Português. Comprou uma gramática para aprender melhor ainda a nossa língua, coisa que muitos dos nossos não fazem, e é também uma enamorada pela agricultura e pela vida simples e humilde.

Manuel Rodrigues falou-me emocionado dos tempos de jovem quando ia com o rebanho para os montes, quando, uma ou outra vez, os caçadores lhe davam \$500 para lhes levar a merenda aos montes. E falou-me do problema da caça na nossa terra. É bem significativo que, tendo adquirido quotas numa coutada de caça em Espanha, tenha ido só uma vez, pois diz que não dá prazer nenhum ter tanta periz para matar, quem carregue a espingarda e faça tudo. O que dá prazer é andar, procurar, enfrentar as dificuldades. Por isso, apesar de ter direito a utilizar mais vezes a reserva de caça, só o fez uma vez! E pediu-me que incentivasse os caçadores da nossa terra a juntarem-se para fazerem uma reserva em condições em Melgaço que permita caçar algo fazendo autêntico desporto.

Manuel Rodrigues tem uma irmã, a senhora Almerinda, que vive em Braga. Os pais bem como o outro irmão, já faleceram. Foi com muita saudade que me falou deles e do prazer que teria em podê-los encontrar vivos ao seu lado.

Creemos saber que, uma vez solidificado o investimento feito no Hotel Turismo, em Braga, talvez se abalancem a outros investimentos na nossa terra natal.

Neste 6º centenário da tomada do castelo aos Castelhanos, o exemplo deste amigo e da sua família é um prolongamento da mesma atitude de então: guerra ao comodismo e à subserviência às modas estranhas e implementação de acções que ajudem o nosso País a tornar-se cada vez mais ele próprio, mais independente e mais acolhedor para os seus próprios filhos.

Obrigado senhor Rodrigues, D. Josiana, Brigitte e Catarina pelo magnífico exemplo que nos deram e pelo incentivo que nos transmitiram. E oxalá que muitos outros melgacenses imitem o belo exemplo para bem da nossa terra e deles próprios.

C. Nuno

Os nossos Amigos

Depois do esforço feito com os últimos números do jornal para que todos possam preparar-se condignamente para as celebrações do 6º centenário da tomada do Castelo de Melgaço, creio que os nossos prezados assinantes estarão sensibilizados para darem toda a sua ajuda a fim de podermos continuar este trabalho que visa o enriquecimento da nossa terra e das suas gentes. É o melhor e maior investimento que se pode fazer, pois nada de válido se poderá fazer pelo progresso real de Melgaço se não se contribuir para elevar o nível cultural das suas gentes e o amor entranhado à sua terra com o justo orgulho de a ela pertencer, como se destaca na reportagem com o casal Rodrigues.

Todos, mas mesmo todos, podemos participar nesta fascinante aventura, apesar de custar bastante mais esforço, tempo e disponibilidade a alguns. Basta, para tanto, que os nossos prezados assinantes se tornem nossos verdadeiros amigos tendo o cuidado de pagar a tempo e horas a sua assinatura, fazendo-o directamente, ou dirigindo-se aos nossos correspondentes e aos dois agentes permanentes em Melgaço - Miguel Pereira e Fabiano Costa, - ou mandando directamente para Braga o dinheiro da assinatura.

Pagaram as suas assinaturas: António Joaquim Esteves, Filhos, Melgaço, 89; Orlando da Rocha, Lisboa, 89; Alfredo Peixoto de Almeida, Porto, 89; Maria Fernanda Pires, Canadá, 89; Fernando Vidal, Alvaredo, 89; Esteves Fernando, Suíça, 89; António Afonso, Canadá, 89; António José do Sobro, Canadá, 89; José Luis de Almeida, Carpinteira, 88; Gomes Augusto Justiniano, França, 89; Miguel Esteves, Venezuela, 89; Manuel José Alves, Portos de Cima, 89; Tábuas António, França, 1990; Lindolfo Gonçalves, Prado, 88; Alves José, Cherbou, França, 87/88; Manuel José Domingues, Gave, 89; Luis Lourenço, Paderne, 88; Rui Armando Vidal, S. Gregório, 87/89; Manuel José da Rocha, Prado, 89; José Gonçalves, Peso, 88; António Augusto Gregório, França, 1990; Aristeu Manuel Alves e Monteiro Manuel José, França, 89; José Maria Alves, Fiães, 89; Armando José Domingues, França, 90; António Augusto Meleiro, Paderne, 88/90; Maria Fernanda Domingues Alves, U.S.A., 89; Maria Amanda Domingues Pereira, França, 89; Maria Emilia Calheiros Pires, Canadá, 89; Adriano Claro Rodrigues e Justino Fernandes, Gave, 89; António Augusto Nunes, Cristóval, 89; Luis António Lourenço, Brasil, 89; Maria Cândida Gomes Pinheiro, 89; Júlia de Carvalho, Vila do Conde, 89; António Nascimento Carvalho, Melgaço, 89; Anibal Martins, Soutomendo de Baixo, 89; José Cândido Vieites, Penso, 88; Anselmo António Pereira, Alvaredo, 88; Manuel Barreiros, Pomares, 87/88; António do Paço, França, 89; António da Silva, Lisboa, 88; Vitorino Alberto Afonso, Porto, 88; Gaspar Octávio Passos de Almeida, Lisboa, 86/88; Justino Lourenço, França, 88; Luis Gonzaga Ribeiro, Porto, 89; Luis Gonzaga de Araújo, Galvão, 88; Manuel de Barros, Parada do Monte, 87/88; André Caetano Vaz, França, 89; Esteves José, França, 93250, 89; António Gonçalves, Paderne, 89; Maria dos Anjos Durães, Casais, 89.

Pagaram ainda 89: M. de Abreu Fernando e Armando Mendes, França; José Augusto Alves, Cavaleiros; David Lourenço Domingues, Paderne; Viúva de Carlos Ribeiro Lima; Maria de Lurdes Araújo, Galvão; Armando Eduardo de Carvalho, Barbosa; Manuel José Fernandes, Castro Laboreiro; João Augusto Gonçalves, Melgaço; José Félix Igrejas; Manuel Cerqueira da Rosa, Chaviães; Da Rua Cerqueira José, França; José Franklin de Brito, Peso; Rosa Vaz, S. Gregório; Eduardo Gomes da Silva, Oliveira de Azeméis; Laura Teixeira, Melgaço; Maria José de Carvalho Lima, Braga; Germano Henrique Alves Carabel, Melgaço; Álvaro de Jesus Gonçalves, Prado; Caetano Pires, Paderne; Abílio Tito D'Outeiro, S. Gregório; Alberto António de Carvalho, Chaviães; Anibal de Barros, Ribeiro de Cima; Leonel Esteves, U.S.A.; Ferreira Alda, França, 1990; Mendes António, Paris, 89; António Soutelo, Pinheiros, Paderne, 88/89; António Domingues, Breuillet, França, 89; António de Sousa, Cristóval, 88; Manuel Francisco Domingues, Paderne, 89 bem como os assinantes que se seguem: Batista Delfina, Paris; Virgílio Gomes de Sousa, Sines; tendo mudado de Prado para lá; Maria Alice Pereira, Cristóval, 88; Fernando Bernardes, Penso, 89 bem como os que se seguem: Manuel José Esteves, Colômbes; Zeferino Santana, Paderne; Manuel de Carvalho, Peso; Manuel Domingues da Rocha, Carvalhças; Gonçalves Augusto Aurélio, Artix, França; António Adão de Castro, Alvaredo, José Bernardino Durães, S. Paio; Manuel José Rodrigues, Barbosa; Maria Teresa Alves, Barbosa; Manuel de Sousa Lobato, Alvaredo; Manuel Joaquim Rodrigues, Seara, Castro Laboreiro; Palmira Fernandes, Prado, Paulo Duque, Sainde; Oliveiros Esteves, Granjão; Franklin Lopes, Rabosa, Penso; Pedro Manuel Rodrigues Ferreira, Lisboa, 87/89; Manuel José de Sousa, Baral, 88; Domingues António, Boulogne, França, 89; Manuel Augusto da Cunha, Chaviães, 89/90; Da Cunha Francisco, Fere-es-Bois, França, 89/90; Maria Albertina de Sousa, Porto, 89; M. e R. M. M. Figueiredo, Suíça, 89; Horácio Olimpo Nôvoas, Paderne, 89; Zélia Rodrigues, Carpinteira, 89; Rosa Torres Esteves, Carpinteira, 89; Manuel Rodrigues Morais, Aubervilliers, França, 89; Anibal Esteves, Fonte da Vila, 89; Maria de Jesus Castro, Carvalhças; Manuel Joaquim de Sousa Lobato, Paderne; Manuel Luis Vaz, Iaval, Albertina Gomes de Sousa, Chaviães, todos 89; Armindo Augusto Gonçalves, Alvaredo, 89/90; António Esteves, Candosa, Fiães, 88; Irene Augusta da Cunha, Galvão, 88; Flávia Augusta de Freitas, Galvão, 89; Manuel Augusto Domingues, Sobreiro, Cristóval, De Sousa Araújo Augusto, 93340, França, 89; Diamantino José Gonçalves, Vila do Conde, Fiães, 88; António Evangelista Rodrigues, Aldeia, Paderne, 88; Vitorino Alberto Pires, Paços, 88; António Joaquim Esteves, Malhagrilos, Prado, 88; Maria de Lurdes Rodrigues Leitão, Arcos de Valdevez, 89; António Mota Salgado, Cascais, 89 como amigo, Maria Teresa Rocha Abração, Lisboa, 89 como amiga; José António Monteiro, Faro, 89 como amigo; Fernando Egípto Gonçalves, França, 89 como amigo; Amadeu Augusto Alves, da Holanda, 89/90 como amigo e a confirmação de que tem recebido o jornal com regularidade e que muito o aprecia; Estela da Glória Ribeiro de Freitas, Almada, 89 como amiga; António Vicente Covelo, Cristóval, 89; Teresa de Jesus Alves, Braga, 89; Manuel José Sêrvio, Braga, 89; José Augusto da Cunha Esteves, Chaviães, 89; António Domingues Fernandes, Sobral de Cima, Roussas, 88/89 como amigo; Salvador José Domingues, Canadá, 88/89 como amigo; Carlos Alberto Afonso, Lisboa, 89 como amigo; Dr. José Fernandes, Monte de Penouços, Friaão, Braga, 89 como amigo; Pe. Manuel Alves, Cousse, 89 como amigo; Artemisa da Glória Gonçalves, Remoães, 89; Manuel Cardoso, Bilhões, 89; Jorge de Barros, Lisboa, 89 como amigo; Manuel Joaquim Rodrigues, Penso, 89 como amigo; casal Amadeu Ferreiral Ferreira Alda, Paris, 89 como beifeitores e linda carta desejando os melhores auspícios para a nossa actividade; José Henrique Gomes, Lisboa, 89/90 como beifeitor e uma linda carta de encorajamento; Alves Manuel, Argenteuil, França, 89 como amigo; José Lourenço, Roussas, 89 como amigo; Manuel Simões Vicente, Odivelas, 89/92 e a carta que se publica em separado, Aurora Augusta Domingues Soares, Lisboa, 89 como amiga; Manuel Luis Pires Júnior, Rio de Moura, 89 como amigo. Inscreveram-se como novos assinantes e pagaram já 89: Fernando Bernardes, Penso; Gonçalves Augusto Aurélio, Artix, França; António Adão de Castro, Alvaredo; Maria Albertina de Sousa, Porto; M. e R. M. M. Figueiredo, Suíça. Bem-vindos a todos e que possam sentir a alegria de pertencer à grande família de «A VOZ DE MELGAÇO».